



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS-CSHNB
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

CAIO LEONARDO DA SILVA SOUSA

**A REPERCUSSÃO DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL ATRAVÉS
DOS JORNAIS PIAUIENSES**

PICOS, PI.

2018

CAIO LEONARDO DA SILVA SOUSA

**A REPERCUSSÃO DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL TRAVÉS
DOS JORNAIS PIAUIENSES**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí - UFPI, Campus Senador Helvídeo Nunes de Barros, como requisito para obtenção de título de graduado em história.

Orientador: Prof. Dr. Agostinho Júnior Holanda
Coe

PICOS, PI.

2018

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Campus Senador Helvídeo Nunes de Barros
Biblioteca Setorial José Albano de Macêdo
Serviço de Processamento Técnico

S725r Sousa, Caio Leonardo da Silva.
A repercussão da primeira guerra mundial através dos jornais piauienses. / Caio Leonardo da Silva Sousa. -- Picos,PI, 2018.
83 f.
CD-ROM: 4 ¾ pol.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História). – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2020.
“Orientador(A): Prof. Dr. Agostinho Júnior Holanda Coe.”

1. Imprensa - Periódicos. 2. Primeira Guerra Mundial. 3. Saúde Pública. I. Título.

CDD 070.4338122



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em História
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2058

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos vinte e um dias do mês de junho de 2018, na sala 803, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **CAIO LEONARDO DA SILVA SOUSA**, sob o título **A REPERCUSSÃO DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL ATRAVÉS DOS JORNAIS PIAUIENSES**.

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Agostinho Júnior Holanda Coe

Examinador 1: Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro

Examinador 2: Prof. Me. José Lins Duarte Sousa

Deliberou pela aprovação do candidato, tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe a média aritmética 9.0 (nove).

Picos (PI), 21 de junho de 2018

Orientador(a): *Agostinho Júnior Holanda Coe*

Examinador (a) 1: *Francisco Gleison da Costa Monteiro*

Examinador (a) 2: *José Lins Duarte*

*À toda minha família, mãe, pai, irmãos,
tios, primos, padrasto, namorada,
parentes, amigos e principalmente meus
avós, por todo amor e força dada ao
primeiro neto formado.*

AGRADECIMENTOS

Diante de toda minha jornada desempenhada nesses quatro anos e meio de curso, creio que a construção de um trabalho como este conta com diversas contribuições, devo boa parte dessa jornada a todos que estiveram em minha volta, pois foram essenciais para que eu conseguisse chegar até aqui. É neste momento que passa um filme na nossa cabeça, de toda trajetória e caminho trilhado para chegar a um momento tão especial, recordando de pessoas que foram importantes tanto na minha formação acadêmica, como pessoal, desde a minha primeira professora no maternal, Maninha que me ensinou as primeiras letras, de Cícera Maria, a quem devo muito a honra de ter sido aluno e alfabetizado, estendendo até meus familiares. Reconheço a injustiça de não citar todos àqueles que são especiais pra mim, mas me contento em citar apenas aqueles que contribuíram de forma intensa nesse período de escrita.

Primeiramente agradeço a Deus, àquele que devo toda minha vida, por ter me amparado durante toda minha vida e principalmente, nesses anos de curso, por ter me dado forças necessárias para que chegasse até aqui.

À toda minha família, em especial, a minha querida mãe Fabiana Maria, razão de minha existência e a quem devo toda minha vida, que com muita garra e amor matriarcal, fez o possível e o impossível para que eu chegasse até aqui e nenhuma palavra escrita será capaz de descrever o tamanho amor e agradecimento a ela. Ao meu pai, Raimundo Nonato, por toda força e incentivo, me norteando aos caminhos certos a seguir, com o intuito de me tornar um cidadão de bem. Aos meus irmãos, Daniel Matheus, Daniel Barros, Maria Rita, Maria Sophia, Diego Barros e David Barros, por todo apoio e compreensão, apesar das brigas de irmãos. Ao meu padrasto, Dorielson que por muitas vezes assumiu o papel e responsabilidade de pai, me ajudando e incentivando da melhor forma durante todo esse período de curso. Aos meus avós paternos, Antônio Bernardino (Antônio Selé) e Maria Odília (*in memoriam*) que apesar do pouco tempo de convívio, me repassou ensinamentos de simplicidade e perseverança. Ao meu mestre Otávio Pereira (Otávio de Félix) e à Socorro Maria, avós maternos, a quem devo toda minha criação e educação, por todos os ensinamentos e cuidados comigo desde minha infância, me possibilitando a honra de ter sido criado pelos avós maternos e absorver todos os ensinamentos e dignidade repassados através de amor e afeto, meu muito obrigado, devo tudo a vocês.

Às minhas tias, em especial Maria Aldeite e Maria Aldenite, pelo incrível apoio e preocupação com minha vida acadêmica, além de toda preparação do ambiente de estudo necessário, desde o almoço feito antes de minha saída para UFPI, até o custeio de Xerox, não deixando faltar nada até minha saída para Picos. A minha amada e querida namorada e futura esposa Bruna Virgínia, que foi fundamental durante todos esses anos de curso, estando comigo desde o momento de minha aprovação até o período da graduação, me dando força em todos os momentos difíceis, não só acadêmicos, mas da vida, entendendo os estresses e faltas no nosso convívio que são e vão ser supridos com muito amor, sem você eu não seria capaz, muito obrigado. Tenho muita sorte de ter vocês em minha vida.

Agradeço também a Universidade Federal do Piauí, por me oferecer todos os recursos necessários para uma boa formação, se destacando no interior do sertão como a melhor instituição de educação da região. Agradeço a toda equipe, desde a docente até as pessoas da limpeza e manutenção, que possibilitaram um melhor usufruto das instalações, além da equipe gestora. Agradeço também pelas políticas de inclusão e permanência na Universidade, pelo Restaurante Universitário, pelo Transporte da UFPI que muito me serviu e principalmente pelas PRAEC (BAE) E PIBID, que me ajudaram a custear por muito tempo a minha vida acadêmica, além de me dar a chance de participar de um programa essencial para minha formação enquanto futuro professor, a tudo isso, sou muito grato.

Aos meus professores e professoras, que foram essenciais nesta jornada, em especial, ao meu orientador Agostinho Coe, por toda calma, reflexões e subsídios oferecidos para o desenvolvimento desta pesquisa, sou muito grato por nortear os caminhos a seguir para que esta se completasse: serei eternamente grato por tudo que aprendi. A todos àqueles que também foram essenciais para o que eu me tornei agora; José Lins, o coordenador e co-orientador mais rico e *play* da UFPI, por todas as conversas, livros e ideias para que enriquecesse a minha pesquisa, além da amizade, você foi peça fundamental; a Mona Ayala e Karla Oliveira pelas discussões sobre gênero e por me fazer enxergar a República com outro olhar; a Ana Maria Kock (*in memoriam*), por me possibilitar em sala de aula, o contato com a origem de um dos meus sobre nomes “Silva”; a Marylu pelas incríveis discussões de República; a querida Érica Lopo, sempre elegante nas discussões de história das Américas; a Mairton por toda metodologia de ensino, que me possibilitou olhar pro Brasil com o olhar Afrocêntrico; ao Fábio Leonardo, primeiro professor que tive contato na UFPI, que

abraçou a nossa turma nos apadrinhando; a Raimundo Lima pelas experiências teatrais e conhecimento adquirido do nosso Piauí; Gleison Monteiro pelo exemplo de profissional e gestão, se sobressaindo em tudo que faz; a Iael de Souza, Ana Paula Cantelli, Naudiney Castro, Rodrigo Gerolineto, cada um de vocês representam um pouco de todo o conhecimento histórico absorvido durante esses incríveis anos de graduação, lembro de cada um, e carrego em mim um pouco de todos. Nossa turma é grata a todos vocês.

Agradeço também a professora Carla Silvino a quem tive a honra de tê-la como professora/coordenadora do (PIBID-CAPES), Programa institucional de Bolsa de Iniciação a docência, não só pela bolsa, mas por todo conhecimento adquirido e compartilhado durante o período em que permaneci no Programa, sou muito grato. Aos meus colegas pibidianos: Pedro, Marcos, Maurício, Jackelyne e Katya por todos os conhecimentos compartilhados e momentos de angústia no desenvolvimento das atividades.

Enfim, a todos os meus amigos e companheiros que conheci na UFPI e carregarei pra vida, que dividiram comigo os incríveis momentos de trabalhos e a angustia de produção do TCC. Em especial, a minha panelinha *The Dark Side* que me acolheu incondicionalmente na turma do fundão. Agradeço a Frida, Sara, Kaio César, Ítallo Araújo e Luis Carlos, sem vocês eu não seria capaz, me acolheram como ninguém nas tardes compartilhadas na UFPI, a vocês, a minha honra eterna enquanto irmãos.

Por fim, aos demais colegas de sala, Ayra, Aurycleide, Aline, Daniel, Nadielle, Mariana, Giselle, Samara, Sabrina, Ruth, Rose, Renato, Honorato, Hosana, Joyce, Paloma, Debora e o ilustre Pedro Nietzsche, pelos trabalhos acadêmicos e amparos diante dos turbilhões de trabalhos e provas, recordarei de todos e de todas pro resto de minha vida, toda correria, noites em claro, conversas, reflexões e as “farras”, momentos de descontrações que tornou a nossa turma mais unida.

Este trabalho carrega em si, um pouco de cada um de vocês. Meu muito obrigado!

À medida que o historiador do século XX se aproxima do presente, fica cada vez mais dependente de dois tipos de fonte: a imprensa diária ou periódica e os relatórios econômicos periódicos e outras pesquisas, compilações estatísticas e outras publicações de governos nacionais e instituições internacionais.

Eric Hobsbawm.

RESUMO

Diante do cenário político em que vivia o mundo durante o período de 1914 a 1918, as principais potências mundiais: França, Grã-Bretanha, Rússia, Áustria-Hungria, Alemanha, EUA e Japão se encontravam em emergência, com intenções de ampliar territórios, conquistar povos e em busca de uma hegemonia mundial, até o assassinato do herdeiro do Império Austro-húngaro Francisco Ferdinand que vai ser o estopim de uma guerra mundial. Diante disso, o mundo sofreu diversas transformações por causa do conflito e começou a ser influenciado pelos países envolvidos na guerra. No Piauí, a imprensa foi um órgão muito ativo na divulgação da guerra, onde periódicos traziam notícias e sofriam manipulações daqueles que estavam por trás de sua direção, na qual produziam e circulavam aquelas em consonância com os seus interesses. Neste trabalho, abordaremos a influência das notícias veiculadas nos jornais e a constituição de visões sobre a guerra, quais informações chegavam ao Piauí, e o papel dos periódicos na cristalização de determinadas versões sobre o conflito.

Palavras chaves: Primeira Guerra Mundial. Periódicos. Saúde Pública.

ABSTRACT

In the face of the political scenario in which the world lived during the period 1914 to 1918, the major world powers: France, Britain, Russia, Austria-Hungary, Germany, USA and Japan were in emergency with intensions of expanding territories, to conquer peoples and in search of a world hegemony, until the murder of the heir of the Austro-Hungarian Empire Francisco Ferdinand that will be the trigger of a world war. Faced with this, the world has undergone several transformations because of the conflict and began to be influenced by the countries involved in the war. In Piauí, the press was a very active organ in the spread of the war, where periodicals brought news and were manipulated by those behind their direction, in which they produced and circulated those in accordance with their interests. In this paper, we will discuss the influence of news stories and the constitution of visions about the war, what information was coming to Piauí, and the role of periodicals in the crystallization of certain versions of the conflict.

Key words: World War I. Newspaper. Public health.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPITULO 1	17
O PAPEL DA IMPRENSA NA DIVULGAÇÃO DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL NO PIAUÍ.....	17
1.1 O surgimento da imprensa no Piauí e a circulação de notícias	17
1.2 Os mecanismos de manipulação por trás das notícias e propagandas.....	25
1.3 As notícias da primeira guerra no Piauí e as figuras por trás da notícia	33
CAPITULO 2	46
A CIRCULAÇÃO DE INFORMAÇÕES NO PIAUÍ SOBRE A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL.....	46
2.1 A guerra e a transformação de uma sociedade	46
2.2 A constituição visual da guerra nos jornais piauienses	52
2.3 - As convocações e propagandas nos jornais piauienses sobre a guerra	59
CAPITULO 3	65
AS NOTÍCIAS SOBRE SAÚDE PÚBLICA NO PIAUÍ DURANTE A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL.....	65
3.1 A discussão epidemiológica no jornalismo piauiense em meio à guerra.	65
3.2 O retrato da saúde pública nos relatórios governamentais piauienses	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	81

INTRODUÇÃO

Visando iniciar o meu trabalho de conclusão de curso, sempre me intrigou as duas grandes guerras mundiais, bem como suas particularidades. Pensando em abordar uma temática a respeito desses dois confrontos, escolhi pesquisar a Primeira Guerra Mundial, por ser um tema ainda pouco abordado pela historiografia do Piauí. Sendo assim, me despertou a atenção sobre a maneira como o Piauí se envolveu no conflito, seja diretamente ou de forma indireta, através da análise de como a sociedade piauiense definiu os principais acontecimentos, bem como a forma como as notícias foram veiculadas nos jornais. Portanto, interessou-me analisar quais as notícias que chegavam ao Piauí e como estas eram tratadas localmente, além dos veículos de informação utilizados para divulgar o conflito. Sendo assim, tal pesquisa tem como tema: **“A repercussão da primeira guerra mundial através dos jornais piauienses”**. O principal objeto da pesquisa será a análise dos jornais do Piauí e os Relatórios Governamentais entre o período de 1914 até 1918, com o objetivo de entender o contexto social em que vivia a sociedade piauiense, antes e durante a guerra, bem como a maneira como as notícias eram veiculadas e quais os interesses implícitos na construção das informações sobre o cotidiano do conflito.

Um campo fértil utilizado a partir do desencadeamento da guerra foram os jornais. No Piauí não foi diferente, alguns dos periódicos geralmente tendiam a se posicionar contra ou a favor das duas frentes que nortearam a guerra. Sendo assim, entender os motivos que levavam esses periódicos a posicionar-se diante de um dos lados é interessante no sentido de perceber as intenções dos mesmos e daqueles que os dirigiam e manipulavam as notícias, influenciando a população na versão cristalizada sobre a Primeira Guerra Mundial.

Fazendo uma discussão sobre o uso da imprensa e o papel dos periódicos, segundo Tânia Regina de Luca até a década de 70 “eram pouco os trabalhos que utilizavam jornais e revistas como fonte de pesquisa”¹, posteriormente a esse período tais documentos passaram a servir como fonte de análise e ser de extrema importância na construção de trabalhos. No entanto, com a intenção de analisar a importância da imprensa piauiense na cobertura dos principais eventos da Primeira Guerra Mundial, será pertinente na proposta aqui apresentada, trabalhar com autores que desenvolveram

¹ LUCA, Tânia Regina de. *História dos, nos e por meio de periódicos*. In: PINKSY, Carla Bassanesi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

trabalhos e que fizeram a análise da imprensa no Brasil, para nos dar respaldo à emergência do papel da imprensa para os estudos históricos recentes. Segundo a Maria Helena Capelato:

Manancial dos mais férteis para o conhecimento do passado, a imprensa possibilita ao historiador acompanhar o percurso dos homens através dos tempos. O periódico, antes considerado fonte suspeita e de pouca importância, já é conhecido como material de pesquisa valioso para o estudo de uma época. (CAPELATO, 1988, p. 12-13).

Sendo assim, a Primeira Guerra Mundial que foi o primeiro maior conflito registrado na nossa história mais recente, despertou o mundo diante de seus efeitos e motivações, envolvendo não só a Europa, mas boa parte do mundo conhecido até então. Conseqüentemente, a guerra trouxe impactos em diversos setores que compõe a sociedade, tais como mudanças econômicas, culturais, religiosas, políticas e sociais. Diante de tais transformações, a guerra teve grande visibilidade na imprensa brasileira, mesmo que as notícias sobre o conflito travado na Europa tivesse um determinado tempo para chegar a esses meios de comunicação no Brasil e também no Piauí. Durante a época em que ocorreu o conflito, a maioria dos jornais destinou algum espaço para o mesmo, trazendo as notícias e peculiaridades da guerra, apesar do distanciamento entre o Piauí e a Europa, os piauienses tinha acesso a uma série de informações, na qual era sempre abordado algum fato sobre o confronto nos periódicos locais. O objetivo deste trabalho é analisar de que maneira a imprensa e os jornais piauienses se comportavam em relação ao conflito que durou de 1914-1918, permeando pelos principais teóricos que se encarregavam de formular tais notícias e suas publicações, e o impacto da mesma na sociedade.

Entretanto, procurei dividir a minha pesquisa em três capítulos, o primeiro será: *“O papel da imprensa na divulgação da primeira guerra mundial no Piauí”*, na qual vou explorar a respeito de como se deu o surgimento da imprensa piauiense, a maneira em que se construiu desde o primeiro jornal e a relação com os seus articuladores que usavam de suas posições políticas para persuadir suas ideologias, além da relação que a mesma manteve com a literatura, onde durante um tempo ocorriam muitas publicações de cunho literário, pois, algumas figuras que estavam por trás dos periódicos, eram literatos. Nesse sentido, visto que a maioria dos jornais sofriam influência de políticos e altos escalões da sociedade, vou buscar compreender também a relação de instituições governamentais na manipulação que as notícias sofriam, de

maneira que as atrocidades provocadas pela guerra fossem conhecidas de acordo com os objetivos do jornal, pois os mesmos tendiam a posicionar-se contra e a favor da guerra, como um jogo de interesses onde jornais que representavam setores da sociedade como a Igreja, tendiam a condenar o início do conflito e àqueles que contavam com a influência de instituições governamentais acabavam por propagar notícias que defendiam/protegiam seus próprios interesses, seja o exército ou o próprio governo, com o receio de que alguma notícia pudesse afetar ou fragilizar suas imagens diante da opinião pública.

No segundo capítulo, analisaremos “*A circulação de informações no Piauí sobre a Primeira Guerra Mundial*”, onde vou procurar identificar o contexto social em que vivia a sociedade piauiense, a maneira como vieram a guerra e de que maneira a mesma influenciou em uma possível mudança no cotidiano. O conflito que emergiu no ano de 1914, além de impactos nos territórios europeu e principalmente nos países envolvidos diretamente na guerra, também trouxe transformações em caráter mundial, provocando mudanças em diversos países fora da Europa e em setores importantes da sociedade, como: o comércio, economia, propaganda e meios comunicacionais e entre outros. Sendo assim, em relação aos meios comunicacionais, foi com a chegada do Telegrafo no Brasil e em alguns estados como o Piauí que houve a possibilidade de um maior contato com notícias e informações de diversos locais do mundo, pois esse veículo de informações foi de extrema importância para a chegada de notícias sobre o conflito no Piauí. Entretanto, o comércio também sofreu mudanças, principalmente na forma de vender suas mercadorias, pois o varejo passou a se usar da imagem da guerra para chamar a atenção dos clientes e leitores dos jornais na intenção de aumentar as suas vendas, com estratégias visuais e textuais. Sendo assim, é interessante analisar a utilização do conflito pelo comércio piauiense na intenção de aquecer suas vendas e a economia local.

No terceiro capítulo, com o nome: “*As notícias e mobilizações da saúde pública no Piauí durante a Primeira Guerra Mundial*”, irei discutir a respeito da mobilização diante da saúde pública local e em relação a epidemias de algumas doenças no Estado, que por diversas vezes foram noticiadas nos jornais locais alertando a população diante do seu perigo, principalmente àquelas doenças consideradas “tropicais”, como a malária, febre amarela, doença de chagas além de outras que se propagam facilmente através do contato humano, como a tuberculose. Entretanto, essas doenças foram presença importante nos relatórios governamentais escritos pelo

governador do Estado e enviados a Câmara legislativa, sendo material importante para um melhor entendimento da forma em que o governo se comportava diante de tais problemas, e da maneira em que é retratada a saúde nesse veículo de comunicação.

Através desses enfoques, é importante a percepção do imaginário piauiense sobre a guerra e a construção de uma imagem que muitos jornais cristalizaram a partir das notícias veiculadas sobre o conflito. O local do periódico em que essas notícias eram publicadas demonstra a mistura das notícias da guerra com notícias de produtos comerciais, a partir de propagandas que, apesar de na maioria das vezes serem na penúltima ou última página da edição, ajudava na maior notoriedade do que estava sendo comercializado, tanto no tamanho da letra que destacava os produtos, como no espaço que ocupava para reverenciar o noticiário, deixando-nos a entender, de certa forma, que a preocupação com o mercado consumidor era maior e mais importante do que com a Guerra.

CAPITULO 1

O PAPEL DA IMPRENSA NA DIVULGAÇÃO DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL NO PIAUÍ.

1.1 O surgimento da imprensa no Piauí e a circulação de notícias

Ao tentarmos compreender como se deu o surgimento da imprensa piauiense e seus primeiros periódicos percebemos o quão divergente são algumas ideias a respeito do surgimento do primeiro jornal no Piauí. Visto isso, compreende-se que o aparecimento dos primeiros meios comunicacionais se deu por conta de relações e interesses no campo político brasileiro durante a primeira metade do século XIX. Sendo assim, seguindo a ideia do historiador Piauiense Celso Pinheiro Filho, acreditamos que “[...] o jornalismo impresso é fonte histórica considerável e estratégico veículo difusor de ideias políticas, com participação decisiva na formação de estruturas de poder e na consolidação de ideologias.” (PINHEIRO FILHO, 1997, p.5).

Há algumas teorias a respeito do primeiro jornal, onde alguns defendem que o primeiro foi o “*Telégrafo*” que surgiu em meados do ano de 1839, impresso em Caxias com intenções políticas de combater o Visconde de Parnaíba, além de outras ideias de que o primeiro pode ter sido “o correio da assembleia legislativa da província do Piauí”, que teve sua estreia em 1835 e tinha como objetivo a publicação de leis e atos oficiais. Além disso, houve em 1833 o Diário do Conselho Geral, localizado por Abdias Neves e que recolhia informações do livro de Atas do conselho de 1829 e 1933, e que faz menção de um periódico dessa época existente em Oeiras, na qual o seu nome se perdeu. Celso Pinheiro Filho fala a respeito dos primeiros jornais que circulavam no Piauí:

Cometeu três enganos. O primeiro é que não foi *O Telégrafo*, em 1839, e sim *O Piauiense*, em 1832. O segundo é que *O Telégrafo* não foi impresso em Caxias para combate ao Visconde, e sim na própria Oeiras e sob os auspícios do dito visconde. O terceiro é que foi *O Espetro*, e não o *Telégrafo*, o jornal impresso em Caxias para combate ao Visconde. (PINHEIRO FILHO, 1997, p.20).

Como visto na citação, nota-se uma afirmação a respeito do primeiro jornal piauiense apesar das divergências a respeito do tema. Nota-se, porém, que a partir de 1830 temos o aparecimento dos primeiros sinais do nascimento de uma cultura

noticiaria que impulsionaria o surgimento de vários periódicos nas mais diversas províncias do território brasileiro, alguns nascentes com intenções políticas e ideológicas e que vão influenciar a população de acordo com seus pretextos. Como referenciado na obra do Pinheiro Filho, quando cita uma notícia dada por Pereira Costa que diz: “Nas províncias do Norte do Brasil vai tendo rápido progresso a imprensa periódica. Algumas que ainda não conheciam praticamente este meio de espalhar por entre o povo as doutrinas políticas, esta grande alavanca da civilização progressista, vão tendo suas imprensas e jornais” (Apud, PINHEIRO FILHO, 1997, p.23).

É interessante perceber, como desde os primórdios da imprensa e dos jornais, eles eram vistos como um mecanismo estratégico de manipulação política, podendo influenciar o povo de acordo com seus anseios. Diante da notícia, vemos que essas atitudes eram consideradas o impulso de uma civilização progressista, o ideal de progresso estava ligado também ao domínio da imprensa e dos jornais. Sendo assim, através das discussões sobre o primeiro jornal piauiense, a confirmação de “O Piauiense” como o primeiro jornal do Piauí só veio em 1934, através da figura do pesquisador Joel Oliveira, na qual apresentou uma tese no Primeiro Congresso de Jornalistas do Piauí que era patrocinado pela Associação Piauiense de Imprensa (A.P.I). O motivo que o influenciou a fixar a data do primeiro número do jornal foi uma notícia que ele encontrou sobre “O Piauiense” em outro jornal chamado “A imprensa” na edição 510 do dia 04-07-1877. No trabalho escrito por Joel Oliveira o mesmo traz as seguintes informações:

“O Piauiense” - assim chamou-se o primeiro periódico publicado nesta província, em Oeiras, no ano de 1832. “Era editado na Tipografia de Silveira & Cia, que alguns anos depois (1836), tornou-se Tipografia Provincial, e, mais tarde, Tipografia Saquarema (1849). “O Piauiense foi dirigido pelo professor de latim Amaro Gomes dos Santos e parece que também pelo vigário Pe. Antônio Pereira Pinto do Lago. “Tinha por epígrafe: *Quid leges sine moribus/vanae proficiunt?* (Horácio)/ Que aproveitam varias sábias leis,/ Quando faltam bons costumes? “temos presente o número 33 de O piauiense, datado de quarta-feira, 27 de março de 1833. (Apud, PINHEIRO FILHO, 1997, p. 25).

Como podemos ver na citação acima, vemos a afirmação do ano de criação do jornal *O Piauiense*, com também outras informações a respeito da edição e nome da companhia responsável. É possível perceber que a tipografia responsável pela edição era de início, com nome e características particulares e posteriormente passou a aderir às características provinciais e anos depois foi utilizada a partir de conjunturas políticas

locais. Tinham em sua direção duas personalidades intelectuais propagadoras de ideias, um era professor de latim e o outro um padre vigário. É interessante notar a intenção por parte dos idealizadores do jornal, em trazer na epígrafe do mesmo uma expressão em latim, já que era professor, a ideia era evidenciar quais seriam os conteúdos que o jornal iria trazer em suas edições, fazendo veemência as leis e aos bons costumes.

O autor Joel de Oliveira quando formulou seu trabalho, fez sua análise da edição de 27 de março de 1833, entretanto, ao refletir sobre o jornal e levando em conta que o mesmo era semanário, chegou à conclusão de que o primeiro número de *O Piauiense* saiu um pouco antes, precisamente no dia 15 de outubro de 1832, constituindo assim, a data do surgimento da Imprensa Piauiense. Apesar do Piauí na época ser um Estado marcado pelo forte atraso e o alto índice de pobreza, além da maioria da população ser composta por analfabetos, não esteve tão atrasado em relação a outras províncias, sendo a 15ª Província a receber a imprensa em suas estruturas. A primeira tipografia que serviu de base para a formação das piauienses, veio do Estado da Bahia diretamente a Oeiras, tendo como figura de destaque o padre Antônio Fernandes da Silveira, que além de sacerdote era político, nascido em Sergipe.

Um dos meios de comunicação que ajudou a trazer as notícias que eram publicadas nos jornais foi o “Telégrafo”, uma forma de comunicação que surgiu na primeira metade do século XIX, precisamente no ano de 1843 pelo estadunidense Samuel Finley Breese Morse que era físico e pintor, chegando tal invenção ao Brasil no ano de 1850, com o intuito de tornar o país mais moderno e de aproximar a população das principais notícias, pois “O telegrafo foi introduzido no Brasil no contexto de mudanças políticas e econômicas ocorridas a partir da década de 1850. Sua implantação foi motivada por interesses políticos internacionais, ligados ao combate ao tráfico de escravos” (SILVA, 2011, p. 3). Não havia somente interesses internacionais, mas também locais, pois havia a intenção de levar as palavras do Imperador para todo o Brasil, além de aproximar as forças políticas locais do Governo Central. A primeira linha telegráfica foi instalada na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1852, com ligações de cabos subterrâneos. Entretanto, a vinda para o nordeste só aconteceu durante a década de 1870 no Pernambuco, onde depois da instalação na Província, a tecnologia se expandiu para outras cidades e províncias do norte chegando ao Piauí e Maranhão no ano de 1884, com o envio de 33 palavras de São Luís a Montevideú.

Voltando a tratar das tipografias, podemos perceber como as conjunturas das mesmas sofriam a influência de seus precursores, carregando os seus sobrenomes, sem

deixar de ressaltar as influências na sociedade na qual aqueles que tinham posições/ocupações de cargos na sociedade eram os donos das primeiras tipografias editoriais. Isso explica o fato da mudança de proprietários de tipografias, onde algumas que eram de particulares passaram a ser de propriedade da província. Isso ocorre pelo fato de os jornais serem vistos como fortes mecanismos de poder na sociedade, podendo ser usados para influenciar e modificar o pensamento daqueles que decidiam os rumos das províncias, além de ser um bom mecanismo para propagar os interesses políticos ou manchar a imagem de um opositor. Uns dos motivos do deslocamento da primeira tipografia piauiense da Bahia até o Piauí foram às lutas pela independência desenroladas em boa parte do território baiano. Entretanto, podemos reafirmar a importância desses mecanismos como forma de entender uma conjuntura social de uma sociedade, que sofria influência pela imprensa e dos jornais, sendo os mesmos não apenas veículos de informações, como nos dizem Maria Helena Capelato e Maria Ligia Prado:

A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero “veículo de informações”, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se inserem (Apud MANIZI, 2012 p. 3).

O trecho acima é importante, no sentido de observarmos a importância dos meios de comunicação como a imprensa, não apenas como veículo de informações, mas de modo a ser também um objeto de manipulação e de imposição de vertentes políticas. Refletindo através do diálogo com a historiadora Maria Helena Capelato, a mesma traz a tona que desde os seus primórdios a imprensa se comportou como força política, pois ela podia causar desconfortos nas diversas camadas sociais, principalmente na camada política, pelo fato de que os poderosos às utilizarem e também os temerem, podendo levar essas figuras a “vigiar, controlar e punir os jornais”².

Em sua proposta, ela vai procurar mostrar o significado da imprensa na história e na historiografia, trazendo a mudança de perspectiva em relação à utilização do jornal como fonte histórica neutra, evidenciando as múltiplas possibilidades que essa fonte oferece, ressaltando a participação da imprensa na história do Brasil, sem deixar de

² CAPELATO, Maria Helena Rolim. A imprensa na História do Brasil. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988. p. 12-13.

ressaltar a postura dos sujeitos da produção jornalística perante o seu objeto de análise e da história que ajudam a construir.

Um dos historiadores mais famosos do século XX Eric Hobsbawm, também ressaltou a importância da imprensa e dos periódicos como fonte histórica para analisar as conjunturas sociais de uma sociedade e entender a relação de acontecimentos nacionais e internacionais:

[...] À medida que o historiador do século XX se aproxima do presente, fica cada vez mais dependente de dois tipos de fonte: a imprensa diária ou periódica e os relatórios econômicos periódicos e outras pesquisas, compilações estatísticas e outras publicações de governos nacionais e instituições internacionais.³

Podemos ver como esse tipo de fonte será importante durante toda a pesquisa, pois como ressaltado, através delas podemos perceber como se dava a relação entre as posturas tomadas por determinados jornais em consonância com interesses governamentais, visto que a manipulação de personalidades políticas além do caráter internacional, também foi encontrada no surgimento do primeiro jornal piauiense. Refletindo sobre a maneira que se estabeleceu e os ideais daqueles que o dirigiam, vemos que se observarmos as atitudes e como se estabilizou em outras Províncias, não foi muito diferente de outras partes do Brasil, pois também seguiu suas bases de implantação a partir de ideais políticos e também de interesses pessoais. Visto isso, ao pensarmos o surgimento da imprensa no Piauí em relação à Primeira Guerra mundial, temos que levar em consideração toda transformação que a mesma despertou no mundo, questões que serão trabalhadas a partir de agora.

A Guerra transformou de forma significativa toda a estrutura europeia, seja ela social, econômica, cultural ou política, e conseqüentemente nas relações de poder entre as nações envolvidas. No entanto, para alguns historiadores a guerra foi como uma revolução entre as sociedades, não só europeia, mas também em caráter mundial, assim como reverenciado pelo historiador Lawrence Sondhaus em sua obra “A primeira guerra mundial: história completa”:

Mais do que questões fronteira e territórios, a guerra também viria a revolucionar as relações de poder dentro das sociedades europeias. Na Europa de 1914, a maioria dos homens adultos não tinha direitos de voto verdadeiramente significativos; além de Portugal que tinha

³ HOBBSAWM, Eric. A Era dos Extremos: o breve século XX. 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

acabado de derrubar o seu rei, a França tinha a única república da Europa e, entre as outras cinco potências europeias, apenas a Grã-Bretanha e a Itália tinham governos parlamentares em pleno funcionamento. Apenas na Grã-Bretanha, e só recentemente, tinha havido um movimento sério pedindo a aplicação dos direitos das mulheres incluindo o do voto. Enquanto a guerra fortaleceu a posição dos trabalhadores organizados e proporcionou oportunidades de emprego sem precedentes para as mulheres, a maior parte dessas oportunidades se revela apenas temporária. No entanto, a Europa do pós-guerra, a oeste da Rússia Soviética, consistia em repúblicas democráticas e monarquias constitucionais, e nela restava pouca ou nenhuma restrição ao sufrágio masculino adulto. Em suas primeiras eleições nacionais do pós-guerra Alemanha e Áustria se juntaram a Grã-Bretanha e deram à mulher o direito de votar (com os Estados Unidos logo depois). Na Rússia do pós-guerra, o governo soviético chegou a conceder às mulheres o direito ao aborto sob demanda.⁴

Como foi reverenciada na citação acima, a guerra trouxe várias mudanças no aparato social das nações, entretanto, essas mudanças não atingiram somente a Europa alcançando proporções mundiais, e atingindo também a América e o Brasil. A então República emergente do Brasil em suas primeiras décadas, juntamente com a preocupação piauiense de ser uma sociedade mais moderna, vai propiciar um terreno fértil para o surgimento de mentalidades que revolucionariam a forma de trabalhar com notícias no Piauí.

Durante o mesmo período em que o mundo vivia a guerra, em caráter nacional, segundo Lucas Pessoa em seu artigo: “A visibilidade na primeira guerra mundial nos jornais piauienses”, tal conflito irá refletir sobre os acontecimentos no Piauí e o surgimento e aprimoramento dos meios de comunicação, onde o estado estava passando por um processo de transição, principalmente sua capital, saindo de uma sociedade totalmente agrária para ganhar novos rumos com a chegada de um projeto de modernização da capital, na qual teve a chegada de tecnologias como a iluminação elétrica, o telefone, telégrafo, o cinematógrafo, do bonde, veículo elétrico que serviu para o transporte da população, além de outros aparatos implantados na sociedade. “O Piauí era marcado pelo atraso, sofria de carência em determinados setores básicos da sociedade e foi através dessa modernização que a imprensa e a cultura conseguiram ganhar espaço para seu desenvolvimento, advindo de uma nova forma de governo, que passou da monarquia para república e consigo trouxe uma mudança de mentalidade em

⁴ SONDHAUS, Lawrence. A Primeira Guerra Mundial. História Completa. Tradução de Roberto Cataldo Costa. São Paulo, Contexto, 2014. 555 páginas. p.7.

parte da população”⁵. Em meio a esse cenário de turbulência política, o Estado se tornou um lugar fecundo para emergência da literatura, se sobressaindo diversos autores, na qual a maioria das publicações nos periódicos eram de cunho literário, pois através dos mesmos, divulgavam suas produções e poemas.

Diante disso, a guerra foi destaque em diversos periódicos nacionais e locais, pois eram formuladas matérias sobre o conflito e publicadas nas primeiras páginas dos jornais, diversas informações trazidas por telegramas advindos da Europa. A imprensa teve um papel muito importância na divulgação da guerra, pois além de sempre reservar espaço nos periódicos sobre o conflito, foi fundamental na publicação das notícias para população local. Entretanto, como argumentado anteriormente, a conjuntura da imprensa piauiense se formulou depois do surgimento dos primeiros periódicos impressos no Brasil, por volta de 1808, que através disso, foi influência para o surgimento de uma massa crítica intelectual no Piauí, que como evidencia Ana Regina Rêgo ao falar dos intelectuais “visualizou nas formas jornalísticas, nova possibilidade de difusão da produção literária”⁶.

Sendo assim, vemos que a literatura foi um mecanismo fundamental para o surgimento e aprimoramento de práticas jornalísticas, não só nos grandes centros do Brasil, mas também no Piauí. Ao perceberem nos jornais um terreno fértil para consolidação de suas produções, viram a influência jornalística no imaginário da sociedade, que se deu, inicialmente, sob o debate político, e também pelo fato de que à maioria dos intelectuais literários, além de produzirem seus textos também faziam parte da política, pois percebiam no jornal um lugar propício para o incentivo da produção literária e de uma vida cultural. Podemos perceber isso a partir da autora Ana Regina Rêgo:

Ora com publicações especializadas, ora através da abertura de espaço nos periódicos que se modernizavam e ganhavam nova forma sob os moldes do jornalismo norte-americano, ora com o espaço cedido aos literatos, que, por intermédio de polêmicas e críticas, alcançavam maior visibilidade e, por conseguinte, melhor divulgação para seus trabalhos, quer fossem bem aceitos ou contestados. Além disso, a imprensa piauiense deflagrou nessa época, campanhas educativas que visavam fomentar o interesse do público pela leitura, tendo em vista que a própria subsistência dos jornais dependia da formação de um público leitor mais amplo, portanto, de uma sociedade mais educada e

⁵ PESSOA, Lucas. *A visibilidade da primeira guerra mundial no jornalismo piauiense*. Universidade Federal de Alagoas, 04 e 05 de out. 2006. p. 1-15, Ago. 2006. p. 2.

⁶ RÊGO, Ana Regina. *Imprensa piauiense: entre a literatura e a política*. Doutoranda em Comunicação UMESP UFPI/UMES. 2008. p. 2.

mais culta. Os intelectuais/jornalistas tomavam a iniciativa através dos jornais com as referidas campanhas, mas também se ocupavam em criar outras oportunidades para o fomento da cultura como a promoção de conferências, invariavelmente, patrocinadas por instituições culturais das quais faziam parte. As conferências eram posteriormente publicadas nos jornais. (RÊGO, 2008, p. 6).

Podemos perceber na citação acima, a intenção por parte da política e dos intelectuais em formar novos intelectuais através da especialização da população no que se diz respeito à leitura e formação, evidenciando ainda a modernização dos periódicos através do espelho dos norte-americanos que cediam espaço para a produção literária. Além disso, podemos perceber a intenção da imprensa piauiense quando lançava campanhas educacionais com o objetivo principal da venda e que manteria a subsistência do jornal e de poder formular e direcionar suas produções há um determinado público leitor, que, para isso acontecer, precisava-se de uma sociedade mais educada e de certa forma culta. Entretanto, através disso, vemos os primeiros passos da imprensa piauiense e dos periódicos locais em relação à produção e formulação das notícias, que tinha como principal meio de circulação, os periódicos.

Boa parte dos periódicos locais assumiu um papel literário, pois como dito anteriormente, difundiam a literatura com poemas publicados nos mesmos e procurava levar esses trabalhos à maioria da população letrada. Existiam diversos em circulação no Piauí durante o século XX, alguns deles com mais destaques do que outros. Podemos mencionar alguns como: “O Comércio e Diário do Piauí”, além de outros que tiveram importante contribuição no desenvolvimento, como evidenciado pela Ana Regina Rêgo ao citar uma reflexão do trabalho da Maria do Socorro Rios Magalhaes:

Esta autora apresenta um panorama literário, no qual os periódicos assume papel de destaque na difusão da literatura piauiense. Dentre os vários jornais mapeados, a autora cita O Apóstolo, O Comércio, O Correio do Piauí, Correio de Teresina, Diário do Piauí e Gazeta. Mas também enfatiza as dificuldades em se manter em circulação os jornais que eram de particulares e independentes, sendo que muitos não pertenciam a agremiações políticas ou de outra ordem, e ainda não eram comerciais (Apud RÊGO, 2008, p. 6).

Através da citação acima, percebemos alguns dos principais periódicos que foram originados através da literatura, tendo suas primeiras notícias e publicações de cunho literário. Partindo de uma perspectiva de que para o funcionamento dos periódicos não necessariamente precisava-se apenas das produções literárias ou das próprias notícias em si, mesmo que essas fossem o coração dos jornais fazendo com que os mesmos

tenham sentido, estes poderiam abrir espaço para outros tipos de publicação. Os periódicos necessitavam de capital e de algum financiamento para sua produção e edição, a maioria era de origem particular e necessitava da venda para manter a sua circulação e subsistência, além disso, como ressaltado anteriormente, os primeiros que surgiram não pertenciam ainda a instituições políticas ou estatais, sendo apenas alguns como o; “Diário do Piauí” jornal que se denominava Órgão Oficial do Estado do Piauí.

1.2 Os mecanismos de manipulação por trás das notícias e propagandas

Entretanto, ao evidenciarmos a literatura como elemento de extrema importância na formação dos periódicos e da mídia piauiense, pode-se ressaltar também o caráter político como de suma importância para o alargamento do campo da imprensa. Esses primeiros jornais de caráter político tiveram suas origens com algumas figuras que eram envolvidos direto ou indiretamente com a política e, também, por instituições de caráter oficial e com objetivos diversos, sendo um deles o de manter a opinião pública a favor do governo e das ações de seus governantes. Podemos perceber isso também, quando a autora Ana Regina Rego fala:

O engajamento de políticos atuantes no universo jornalísticos é considerável, sobretudo ao logo do século XIX e início do XX. A tradição radiofônica não foge à regra dos periódicos. Além do mais, os meios eletrônicos e, na atualidade, os meios virtuais buscam se enquadrar à dinâmica dos espaços públicos de discussão do poder ou transformam-se em tribunas, onde se discutem e até mesmo se decidem os destinos do País. A mídia invade e é invadida a todo momento por aspectos do mundo político. (RÊGO, 2008, p. 9).

É interessante percebermos na citação anterior uma comparação dos meios de divulgações do começo do século XX que eram os periódicos até o começo do XXI com tecnologias radiofônicas que tinham influencia de políticos em suas produções. A influência na opinião pública que antes era centrada apenas na escrita, e com isso, atingia apenas uma parcela da população leitora se adentrando nos principais periódicos do Estado, agora passa a ser também através das notícias circuladas pela telecomunicação e aparelhos transmissores e, com isso, conseguem influenciar a mentalidade da sociedade com seus anseios. Esse tipo de estratégia política foi muito utilizada pelas diversas camadas que compunham o Estado, com o Exército não foi diferente, que durante o período da Primeira Guerra Mundial fez uso desse mecanismo

para maquiar a sua imagem e acobertar atrocidades cometidas por militares, na maioria das vezes, travando brigas com a imprensa em relação ao que poderia ser publicadas ou não.

Podemos perceber o surgimento de uma ideologia manipuladora por parte da imprensa e daqueles que norteiam a sua produção, a influência e impacto que a mesma produz na sociedade os possibilita impor uma visão de mundo de acordo com os seus critérios, se utilizando do vasto campo que a imprensa pode oferecer, seja ele visual, radiofônico ou outros meios de propagação que modelassem a opinião pública. Quando paramos para refletir sobre esses meios, podemos perceber que a imprensa piauiense através de suas diversas maneiras de propagação das notícias da guerra permeou por esses diversos campos, além de ter alcançado embates com instituições influentes no Estado. O fato de a imprensa poder influenciar a opinião pública despertou um incomodo de alguns setores do exército, cujo discurso de propagandas por parte da imprensa poderia possibilitar numa cultura ideológica que manchasse a sua imagem, além de eventuais acusações de responsabilidade pelo conflito.

Esse contexto social mostra-nos que a guerra teve impacto e influências não apenas nas nações envolvidas diretamente na guerra ou nas comunidades europeias, principal palco do conflito, as influências foram continentais, atingindo diversas camadas sociais de todos os países. Entretanto, ao analisarmos esses impactos no Piauí, mesmo que em setores como a imprensa ou o exército, devemos levar em conta uma tendência historiográfica de análise desenvolvida por Carlo Ginzburg denominada de “micro história”, percebendo que os problemas e mudanças nos aparatos formadores da sociedade advêm de aspectos e interesses particulares de cada uma ou de cada setor que nela perdura e não de uma maneira global⁷. Os aspectos que essa tendência possibilita será exatamente para perceber algumas relações peculiares, o embate travado entre a imprensa e o exército necessita de uma observação histórica reduzida.

Sendo assim, a imprensa e sua propaganda tiveram disseminações muito largas, às notícias publicadas poderiam alcançar diversos setores da sociedade, e poderiam ser usadas como forma de afirmação ou contestação da autoridade não só do exército como qualquer outra instituição social. Quando a sua autoridade era contestada, despertavam o sinal de alerta e respeito dos objetos de propagação, sejam eles jornais ou mecanismos de persuasão de propagandas. Segundo Paddock (2014, p. 7):

⁷ GINZBURG, Carlo. *A micro história e outros ensaios*. Tradução António Narino. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A, 1989.

Após experimentar o impacto dos jornais na Guerra da Criméia e na Guerra Civil americana, as autoridades militares iriam tentar aumentar o controle sobre o fluxo de informações durante os tempos de guerra com o intuito de manter o apoio público. Durante a Primeira Guerra Mundial, isso se mostraria frequentemente na forma de censura. (Apud AROUCA, 2016, p. 3).

Através dessa ressalva, notamos que o início dessa percepção se deu logo depois da Guerra da Criméia e da Guerra Civil Americana, na qual os altos escalões do exército procuraram aumentar não só suas influências, mas também, o controle sobre as informações divulgadas em tempos de guerra. Isso acontecia pela necessidade do exército em manter o apoio da população, já que havia a grande possibilidade delas serem influenciadas por essas propagações noticiárias. É interessante perceber, que em boa parte das nações as relações entre imprensa e governo eram pesadas, pois muitas notícias que eram publicadas poderiam atingir diretamente os princípios e a imagem seja do exército ou qualquer outra instituição governamental. Com isso, o exército irá sentir a necessidade de mobilizar-se quando sua integridade for ameaçada por tais notícias, mesmo que de forma indireta.

Nessa premissa, o modelo que estimulou a classe a se adentrar nesses mecanismos midiáticos para conseguir seus objetivos e de certa forma influenciar a propaganda, foi mobilizando suas estruturas locais e principalmente aqueles que os compunha, como oficiais locais ou outra figura ao seu alcance que tivesse poder para adaptar/modificar de acordo com seus anseios ou até mesmo descartar o material que iria ser publicado, caso a situação indicasse necessidade. Apesar disso, também existia aqueles que produziam matérias de forma independente no intuito de contribuir para publicidade, e na maioria das vezes atingiam setores sociais na qual alguns deles se empenhavam em escrever artigos e criavam imagens de maneira anônima, pois sua produção poderia complica-los perante as autoridades locais.

Entretanto, o exército conseguiu manipular a produção noticiária de muitos veículos, o seu poder e influencia na composição do Estado lhe dava mecanismos para isso, a seu principal intenção não era mostrar os acontecimentos e realidades da guerra, mas sim de poder controlar, de certa forma, a opinião pública. Suas produções eram veiculadas em diversas camadas midiáticas da sociedade, os mesmos não tinham como manter controle sobre todos os aparatos midiáticos produzidos na mesma. Isso nos mostra como a composição da imprensa não só no Piauí, mas em boa parte do mundo desde suas primeiras conciliações, sofrem influência direta ou indireta de setores que

compõe o governo, sendo feita uma espécie de manipulação que mantivesse assegurada suas intencionalidades e ideais. A sociedade não tinha a sua total liberdade de expressão, visto que tinha as produções particulares, governamentais, e também anônimas, e todas poderiam sofrer a influência do governo e de seus altos escalões.

A importância dos jornais nesse contexto social foi pelo fato de haver a necessidade e intenção em manter certa ordem na população através desse mecanismo. Isso se dava pelo fato de que as notícias se propagavam de maneira muito rápida, na qual atingiam as mais vastas dimensões sociais. Outra tática para poder atingir a população, era a escrita dos periódicos, que se estruturavam em uma linguagem de fácil compreensão para que o público sentisse prazer ao ler o texto noticiário até atingirem um ponto em que concordassem com ela. Era uma forma de controle ideológico em que fica claro a intenção de impor uma perspectiva que seguisse os seus anseios e ideais. Essas atitudes tinha sua intencionalidade para além da tentativa de controle das massas e veículos mediáticos que contestassem sua autoridade, alguns periódicos tinham interesses nas propagandas e composição, com o intuito de conseguir bônus financeiros ou uma negociação em que pudessem tirar proveito.

Assim, pode-se perceber que a imprensa tinha aspectos dualizado, dividido entre o seu compromisso com a notícia e os interesses privados, como um jogo de ideais onde o desejo dos que tem poder de manipulação na maioria das vezes prevalecia. Podemos ver esse modelo de propaganda quando Fernanda Bana Arouca argumenta: “uma das características-chave da propaganda é o seu caráter dual; o seu poder é dividido à sua relação simultânea com a opinião do setor privado” (AROUCA, 2016, p. 3). O trecho reafirma a ideia de dualidade da propaganda, não podemos deixar de ressaltar que a mesma em muitos dos casos era associadas a mentiras, isso geralmente não acontecia apenas no Brasil, outros países também tinham essa características. Como dito anteriormente, cada sociedade tinham seus interesses e anseios perante a propaganda, formulando-a de acordo com os mesmos.

Através dessas ressalvas, podemos entender que a Primeira Guerra Mundial era apoiada por alguns setores do Estado, pelo fato de haver a intervenção dos mesmos nas notícias sobre e a vasta quantidade em que a mesma se mostrava duvidosas. Entretanto, esse fato se dava porque a propaganda de atrocidades naquela época despertava muito o interesse das pessoas, pois a curiosidade e tentativa de entender um conflito de proporções mundiais que nunca tinha acontecido é um dos motivos pela qual boa parte da população se interessava. No momento em que as notícias chegavam da Europa com

informações de civis mortos por militares, o exército logo se mobilizava em manipular essas notícias, para que não chegasse a todos os setores da sociedade, pois a propagação dessa ideia de que os militares tiravam vidas de pessoas inocentes, mesmo que na Europa, poderia ter consequência no Brasil e poderia manchar a imagem do exército, com isso, boa parte do público leitor tinha suas ideias sobre a guerra manipuladas pela divulgação de mensagens que poderiam ser forjadas.

Além desses mecanismos utilizados por alguns jornais que tinham a influência do governo, fazendo com que às suas perspectivas introduzidas por eles chegassem ao público, também houve a preocupação do governo perante aqueles jornais que mantinham constantemente críticas às suas ações. A forma encontrada para contenção desse fato foi à censura, pois, muitas vezes, à ameaça dos altos escalões da sociedade de confisco e fechamento também serviu pra frear as veiculações que atingiam o governo, sendo assim, até mesmo alguns setores da imprensa que criticavam o governo justamente por suas ações para forjar notícias e calar àqueles que queriam trazer a verdade, vai refletir a respeito da necessidade de escancarar os horrores da guerra como realmente eram:

Os cartunistas no início da guerra, enfrentaram o dilema se deveriam ou não continuar se opor a sociedade e criticar o governo, e acabaram se juntando à propaganda da guerra. A caricatura política teria agora uma nova função: de mobilizar a população tanto moral como intelectualmente, explicar os recessos do país, confirmar a crença na superioridade da pátria assim como esperar uma vitória final. (AROUCA, 2016, p. 5).

Diante disso, vemos a mudança do imaginário sobre a guerra construída a partir de alguns setores da imprensa, principalmente na Europa. Vemos que a intenção de mobilizar a população “moral e intelectualmente” se instalou em alguns campos e que não eram de acordo com as ações do governo. À medida que as ameaças de fechamento foram chegando, não houve outra atitude a não ser a mudança de ideologia, logo, a guerra não se deu apenas no confronto armado, mas também ideológico, e aqueles países que não participaram diretamente como o Brasil, teve uma participação local nesse quesito entre as camadas sociais.

Essas medidas para manipular as notícias veiculadas pela imprensa, na intenção de criar um imaginário ideológico de acordo com seus ideais não são características nascentes aqui no Brasil, essa atitude veio da Europa, pratica recorrente dos países envolvidos diretamente na guerra. Um dos países que se utilizou dessa

estratégia foi à Alemanha, preocupada com a opinião dos países neutros em relação à guerra e que logo se mobilizou para enviar a esses países sua versão sobre as causas da guerra, colocando as intenções hostis do inimigo numa tentativa de justificar suas ações. Sendo assim, é perceptível como essa relação entre as nações e a imprensa era importante para construir uma imagem diante das fronteiras, o que nos possibilita a refletir como essas atitudes eram também uma forma de poder ganhar aliados, já que havia uma preocupação maior em como essas notícias iriam influenciar o imaginário social de cada país, pois, dependendo das relações entre as nações poderia influenciar o país receptivo da notícia a tomar uma posição, seja como aliado ou inimigo.

Entretanto, é perceptível como a guerra irá se nortear também nos campos ideológicos e noticiários, pois as potências estrangeiras, além de seus ideais e disputas de colônias, também buscavam uma hegemonia mundial, sendo uma das principais causas da guerra, e, a busca do controle midiático, que também era palco de disputa. Segundo Arouca “outra medida alemã foi adquirir o controle de jornais neutros ou lançar novos no mercado” (AROUCA, 2016, p. 5). Essa atitude é mais que nítida na intenção de persuadir as notícias fora do contexto da guerra, de acordo com suas ideologias, podendo forjar notícias e prepará-las de modo que as colocasse em um patamar que os possibilitasse repassar uma razão geral. No Piauí podemos perceber influências alemãs nos periódicos locais, na qual alguns reproduziam as notícias vindas da Alemanha e que geralmente tendiam, de fato, a defender seus ideais e repassar a imagem que queriam de si.

Através desses fatos, é importante ressaltar que no início da Guerra o Brasil se declarou neutro, porém, teve que entrar na guerra em abril de 1917 por conta dos alemães terem atacado os navios brasileiros no Paraná, Tijuca e outros locais, alegando que o país estava furando o bloqueio imposto aos seus rivais da Tríplice Entente, e levando produtos brasileiros para supri-los. Entretanto, após isso, o então presidente da república do Brasil, Wenceslau Braz mandou aprisionar mais de 40 navios alemães que estavam em águas brasileiras. No entanto, a participação brasileira em termos militares é considerada discreta, agindo apenas em algumas patrulhas e missões no mediterrâneo, há alguns rumores de que um tenente brasileiro chegou a comandar um pelotão nas linhas de frente da guerra. Sendo assim, se nossa participação foi discreta nos campos de batalhas, porém no campo ideológico-jornalístico teve bastante respaldo:

Contudo, se as nossas forças militares pouco atuaram nas trincheiras da primeira guerra, os nossos políticos, jornalistas e escritores, por outro lado, se lançaram no conflito desde o início. A imprensa política tradicional, a imprensa operária e até mesmo as revistas culturais e literárias chegaram a abordar os eventos europeus sob algum prisma, em sua maioria, favorável aos países aliados da Tríplice Entente, construídos discursivamente nos periódicos como a versão do bem, enquanto que os alemães e seus aliados eram apresentados como sendo à força de todo o mal.⁸

Refletindo sobre esse fato, vemos que a maioria da imprensa tendia a produzir publicações que fossem favoráveis aos países da Tríplice Entente, pelo fato do Brasil ter tido as desavenças com a Alemanha, principal país da Tríplice Aliança. Como dito antes, também havia os periódicos que favoreciam a Alemanha, é o que se configura nesse cenário é uma disputa de interesses, os periódicos envolvidos tendiam a construir a sua versão do bem, geralmente com os alemães associados à força do mal e os que fossem favoráveis à Alemanha, tendiam a decernir suas versões dos países inimigos, como a Inglaterra sendo à força do mal, e em alguns casos até considerada causadora da guerra. No entanto, apesar do posicionamento de alguns, havia as divergências ideológicas entre os periódicos, pois como evidência Rêgo e Moura: “os jornais, em sua maioria eram a favor da Tríplice Entente, enquanto que outros completamente contrários à guerra e poucos aos simpáticos alemães”.⁹

No Piauí, alguns dos periódicos mais ativos entre a batalha jornalística sobre a guerra foram o: *Diário do Piauí*, *órgão oficial do estado do Piauí*, *A notícia*, *A cruz*, o impresso *Xófrango*, além de outros que serão reverenciados no decorrer do trabalho. Em suas características estruturais, o *Diário do Piauí* tinha suas bases políticas, encarregadas de publicar matérias em consonância com ações do governo, em sua direção estava o Simplício Mendes. O jornal vivia uma fase literária na qual recebia a colaboração de literatos como Alcides Freitas, Celso Pinheiro e outros literatos, já o jornal *A cruz* era um Órgão da ação social católica e tinha como objetivos publicações para o público católico e começou a ser tipografado em 1915 na sua sede em Parnaíba, tinha em sua direção Raymundo N.H. da Silva. O *Xófrango* era veiculado mensalmente e se denominava jornal independente, tinha um campo muito diverso de publicações;

⁸ RÊGO, Ana Regina; MOURA, Ranielle Leal. Imprensa brasileira na Primeira Guerra Mundial: intelectuais em ação. 2015. Trabalho apresentado no GT de Mídia Impressa, integrante do 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015. p. 3.

⁹ RÊGO, Ana Regina; MOURA, Ranielle Leal. Imprensa brasileira na Primeira Guerra Mundial: intelectuais em ação. 2015. Trabalho apresentado no GT de Mídia Impressa, integrante do 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015. p. 3.

sobre política, notícias nacionais, humorísticas, literário e científicas. Já o jornal *A Notícia* como o *Diário do Piauí*, tinha suas notícias voltadas para o campo político, na qual defendia candidaturas de algumas personalidades. Teve sua criação em meados do ano de 1913 e era um jornal que se denominava independente, e na sua direção estava Cândido Gil.¹⁰

Explanando de uma maneira mais adentrada diante das características de alguns jornais que reservou espaço para notícias sobre a guerra, o jornal *Diário do Piauí* como a principal pretensão era defender os interesses do governo, geralmente, traziam em suas edições comparações sobre as duas frentes na guerra. Nesse jornal, era difícil a percepção do seu posicionamento perante o conflito, já que a maioria das informações chegava de telegrama e se encontravam de forma muito resumida, apesar de ser uma forma rápida de receber notícias no Piauí e de comunicação com a Europa, o leitor não tinha a informação aprofundada sobre determinados acontecimentos.

Já *A Cruz* foi um dos jornais que se preocupou com o tema, segundo Pessoa e Sousa “[...] A Igreja Católica na época era uma grande instituição com grande influência na sociedade piauiense, a forma como informava sobre a guerra refletia em uma parcela grande da sociedade piauiense. (2017, p. 9)”. Sendo assim podemos ver que há a preocupação por parte da Igreja Católica na publicação de notícias, entretanto, a Igreja Católica desde os seus primórdios teve influência diante da sociedade, havia a preocupação por parte do papa e dos altos escalões do clero em manter a comunidade clerical neutra diante do conflito, a não serem aqueles que atuavam diretamente nos países envolvidos na guerra, nesse sentido, os periódicos eram um grande meio de propagação para suas ideologias.

O periódico *Xôfrango* tinha em suas publicações características de defesa a Tríplice Entente, visto que, buscava trazer reportagem de países que estavam contra a Tríplice Aliança, como a Rússia explanando sobre a revolução que aconteceu no território em 1917 e os principais feitos durante o período. Inicialmente, também não tinha seu posicionamento explícito nas edições, ficando mais claro segundo Pessoa e Sousa “[...] assim que a guerra se tornou mais discutida no Brasil [...]”¹¹. É interessante notarmos, a mudança de postura diante dos periódicos, pois antes da guerra ter uma maior notoriedade no Brasil eles ainda não deixavam claros seus posicionamentos

¹⁰ PINHEIRO FILHO, Celso. História da Imprensa do Piauí. Teresina: Zodiaco, 3ª edição, 1997

¹¹ PESSOA, Lucas; SOUSA, Thamyres. A Primeira Guerra Mundial no Jornalismo Piauiense: Visões de um conflito. Trabalho apresentado no GT História da Mídia Impressa integrante do 11º Encontro Nacional de História da Mídia, 04 e 05 de Julho 2017. p. 11.

diante do conflito, sendo assim, confirma o surgimento de uma guerra ideológica entre os interesses jornalísticos por trás de sua produção não só em nível nacional, mas também local.

Por outro lado, o impresso *A Notícia* tinha como característica lançar críticas àqueles que defendiam a entrada do Brasil na Guerra. Sempre em suas reportagens procurava trazer a opinião dos brasileiros e de políticos sobre a guerra, também procurava levar notícia sobre a situação política nacional. Como fala Pessoa e Sousa.

O posicionamento apresentado pelo então presidente do Brasil, Venceslau Braz, é comentado no jornal *A Notícia* e é elogiado. Embora o impresso fosse adepto da ideia de apresentar o Brasil como um país neutro, *A Notícia* atribui a falta de neutralidade de Venceslau Braz às pressões feitas pela opinião pública brasileira e sempre concorda com as medidas tomadas pelo presidente (p. 12)¹².

Entretanto, uma das suas características fortes era a tentativa de apresentar o Brasil como um país neutro diante do conflito, porém, por esse fator e por ser um jornal de caráter republicano, procurava seguir o presidente em suas decisões, como referenciado na citação acima, o argumento usado pela cúpula do jornal perante a falta de neutralidade do presidente, era associada a pressões populares e o mesmo sempre o acompanhava em suas decisões, percebe-se certa divergência com sua intenção de propagar a neutralidade e apoiar o presidente em sua falta da mesma, por conta das pressões populares. Também combateu membros do governo, especificamente de setores do exército que eram acusados de colocar a opinião pública a favor dos países da Tríplice Aliança.

1.3 As notícias da primeira guerra no Piauí e as figuras por trás da notícia

Ao adentrarmos a conhecer as notícias publicadas sobre a Primeira Guerra no Piauí e as figuras que estavam por trás das notícias, percebemos que boa parte das mesmas tendiam a favorecer o país em que era produzida. Em uma delas com o título “A culpa sangrenta da Inglaterra na Guerra Mundial” publicada na página 2 da edição de número 267 do Jornal *Diário do Piauí* no ano de 1914, foi escrita por Ernesto Haeckel em um periódico na Alemanha e reproduzida no Brasil. No Piauí, foi publicada

¹² PESSOA, Lucas; SOUSA, Thamyres. A Primeira Guerra Mundial no Jornalismo Piauiense: Visões de um conflito. Trabalho apresentado no GT História da Mídia Impressa integrante do 11º Encontro Nacional de História da Mídia, 04 e 05 de Julho 2017. p. 1-15.

no jornal *Diário do piauhy*. Ernesto Haeckel era um grande biólogo, médico, filósofo, naturalista, professor e artista alemão conhecido como um dos principais popularizadores do trabalho de Charles Darwin. Haeckel tem uma grande importância quando se fala na Primeira Guerra Mundial, pelo fato dele ter sido a primeira pessoa conhecida a usar o termo “Primeira guerra do mundo”. Logo nos primeiros anos de guerra, Haecker escreveu: “Não há duvida que o curso e personagem da temida “guerra europeia” vai se tornar a primeira guerra mundial no sentido pleno da palavra”. A guerra europeia ficou conhecida, em modo geral, de “grande guerra”, termo advindo da designação de Haeckel. Em um dos trechos da reportagem que a edição trás, ele diz:

Horrorizada e atordoada está à humanidade civilizada, há oito dias, diante de uma das maiores catástrofes da história universal inteira, diante do rompimento repentino de uma guerra mundial, cujas consequências terríveis são de todo incalculáveis. Tudo o que a humanidade sofredora tem aturado até agora em desgraças bélicas em massa, de devastações de países, de aniquilamento de famílias, tudo se apaga diante desse incêndio universal que ameaça tragar a civilização inteira, obtida em labores pecados durante seis mil anos [...] (DIÁRIO DO PIAUHY, 1914, p. 2).

Diante da notícia publicada no Jornal *Diário do Piauhy* na edição 267 de 1914, escrita por Haeckel, o mesmo irá trazer a informação de que a humanidade civilizada está “horrorizada e atordoada”, há basicamente oito dias. Na publicação, ele trata o desfecho da guerra como uma das maiores catástrofes da história universal inteira, diante de um rompimento repentino de uma “guerra mundial”, onde ele vê as consequências que o evento trará como incalculáveis, evidenciando que tudo que a humanidade “sofredora” tem aturado até a época foi desgraças bélicas, na qual geraram matanças em massa, devastações de países, aniquilamento de famílias entre outros. Além de tratar os episódios como algo que poderia levar ao extermínio da população mundial, ao argumentar “tudo se apaga diante desse incêndio universal que ameaça tragar a civilização inteira, obtida em labores¹³ pecados durante seis mil anos”¹⁴.

No trecho acima, podemos perceber o caráter filosófico e científico diante do relato do acontecimento mundial, e a forma como foi introduzida à preocupação científica em forma de notícia. A notícia trás uma preocupação com todo o caminho trilhado e trabalho desenvolvidos pela humanidade até chegar ao nível da época, na qual estava ameaçado de tudo vir por água a baixo pela emergência de uma guerra inédita

¹³ É uma palavra trabalho, tarefa, labuta. É uma palavra do latim “labore”, geralmente o termo é usado para referenciar um trabalho árduo e prolongado.

¹⁴ Diário do Piauhy ano 1914, edição 267. p. 2.

que estava surgindo. É perceptível a preocupação científica de extinção da humanidade, evidenciada na notícia, justamente por conta de ter sido escrita por um dos maiores cientistas do continente onde a guerra emergiu. Apesar de sua matéria ter sido reproduzida no Piauí através do jornal *Diário do Piauí*, o mesmo não chegou a vir até o Brasil nem ao Estado, sua ideologia apenas foi difundida em alguns países. Diante da reflexão trazida pelo periódico, vemos que o mesmo trás um ideal de discurso onde evidencia:

Não pode haver dúvida de que o discurso e o caráter dessa tão temida guerra europeia, cederá a todas as guerras conhecidas até agora, pelo fato de haver de interessar também, direta ou indiretamente a todos os demais continentes, alargando-se assim às proporções de uma primeira e verdadeira “Guerra Mundial” (DIÁRIO DO PIAUHY, 1914, 1914, p. 2).

É interessante perceber na notícia, a preocupação por parte de quem escreveu em alertar os leitores do perigo que pode ser a guerra que sucederá, relatando que a guerra europeia superará qualquer outra já conhecida, por suas proporções e riscos, ressaltando ainda que o evento atingirá todos os continentes seja de forma direta ou indireta até o ponto de chegar a uma proporção de “primeira guerra mundial”, termo em que Haeckel foi idealizador, como dito anteriormente, ao retratar o fato em emergência na Europa.

Ao procurarmos compreender o porquê da guerra não ganhar as manchetes todos os dias ou não ter nem sequer alguma notícia diariamente, é essencial para entendermos o ideal de “manchete” e “imprensa” em um momento que os mesmos tinham outro significado, ou como dito pela Aline Andrade Pereira “trata-se de um momento onde a noção de manchete é completamente diversa”¹⁵. Devemos também destacar que antes da vinda do Telégrafo a capital piauiense, havia uma demora para que as notícias chegassem ao Piauí, que por muitas vezes já havia passado dias do ocorrido, com a chegada do Telegrama no Estado, segundo (PESSOA; SOUSA) “as informações da guerra apareciam por meio de telegramas diários e algumas vezes por meio de reportagens”¹⁶. Os veículos de informações não só do Piauí, mas da maioria do

¹⁵ PEREIRA, Aline Andrade. *“A imprensa durante a primeira guerra mundial e a organização da notícia: do título à manchete”*. 2013. P, 1.

¹⁶ PESSOA, Lucas; SOUSA, Thamyres. *A Primeira Guerra Mundial no Jornalismo Piauiense: Visões de um conflito*. Trabalho apresentado no GT História da Mídia Impressa integrante do 11º Encontro Nacional de História da Mídia, 04 e 05 de Julho 2017. p. 1.

Brasil apenas reproduziam as notícias de jornais e colunistas europeus que era publicado na Europa e chegava até o Brasil.

Raramente essas notícias ganhavam destaque nas primeiras páginas dos jornais, isso era feito propositalmente, como uma estratégia para influenciar o leitor a continuar lendo e verificar as matérias do interior do jornal. Outro fato estratégico da imprensa jornalística da época era a repetição dos títulos e matérias por vários dias consecutivos no intuito de chamar a atenção dos espectadores para o que era considerado “assunto do momento”, não deixando também de ser, uma estratégia de venda. Porém, na maioria dos periódicos, vemos uma falta de organização na estrutura do jornal, na qual as notícias são apresentadas de forma mescladas, como argumenta a Aline Andrade Pereira:

Às notícias encontram-se mescladas: atropelamentos por bonde, anúncios de elixires milagrosos, notícias dos estados, suicídios e política convivem muitas vezes na mesma página. Algumas seções são fixas, como esportes, cinema, teatro, além da seção de telegramas, onde os mesmos são publicados na íntegra. Diversas agências internacionais de notícias – como a Havas, a Americana, dentre outras – passam a abastecer nossos jornais diários. Além disso, os veículos começam a instalar escritórios (hoje chamado de sucursais) em diversas partes do mundo¹⁷.

Através da citação acima, podemos compreender o quanto era diversificada a maneira de fazer jornalismo na época, pois não direcionavam a atenção apenas pra notícias de repercussões nacionais, estaduais ou mundiais como os dias atuais. Podemos ver que o peso e importância de uma notícia de estado ganhava o mesmo nível do anúncio de elixires milagrosos. Isso nos mostra que a intenção jornalística vai desde o caráter informativo, até a intenção de comércio com alguma mercadoria, para que o leitor encontre um terreno diversificado onde poderá se informar dos acontecimentos e, se por ventura, despertar o interesse pelo lazer como o teatro ou alguma mercadoria. Entretanto, o que fica evidente é a intenção de atingir todos os níveis sociais da época, pretendendo alcançar um vasto campo de leitores.

Voltando os olhares para os noticiários sobre a primeira guerra mundial, o *Jornal Diário do Piauí*, vai trazer nas suas edições de número 170 e 171, correspondentes aos dias 29 e 30 de Julho de 1914 à notícia da tragédia que seria o marco inicial da Primeira Guerra Mundial, o assassinato do Arquiduque herdeiro do

¹⁷ PEREIRA, Aline Andrade. “A imprensa durante a primeira guerra mundial e a organização da notícia: do título à manchete”. 2013. p. 3.

trono Austro-húngaro Francisco Ferdinand. A matéria foi publicada com o título “A tragédia de Sarajevo”, onde está localizada na segunda página da edição. O subtítulo da matéria foi apresentado como “O ódio sérvio leva ao tumulto os príncipes herdeiros do throno austríaco”, fazendo referência à tragédia que vitimou o herdeiro do império austro-húngaro o arquiduque Francisco Ferdinand, e sua esposa, a duquesa Sofia de Hohenberg. O incidente aconteceu no dia 28 de junho de 1914 na cidade de Sarajevo capital da Bósnia Herzegovina, considerado como um dos principais marcos que iniciaram a Primeira Guerra. A notícia trazia:

A tragédia de Sarajevo é uma nova e terrível lição que os povos francos infligem às grandes nações imperialistas. Aliados de Guilherme II, cujo alto sonho de conquista compreendia e sonhava também, o archi-duque Francisco Fernando não podia ser amado nem mesmo suportado pelos pequenos povos dos Balkans. O seu advento ao trono de Francisco José acarretaria, facilmente, a absorção da Sérvia, da Bulgária, do Monte-negro e da Rumania, pois que a sua ambição maior foi sempre, como era notório e ele mesmo propagava, levar por toda parte do Oriente a espada e a coroa dos Habsburgo [...] (DIÁRIO DO PIAUHY, 1914, p. 2).

A execução do arquiduque havia ficado sobre a responsabilidade de um grupo denominado como “mão negra”, na qual era uma sociedade secreta que nos seus primórdios foi fundada com o nome de “união da morte”, onde atuava como uma organização nacionalista Sérvia que desempenhava ações terroristas como forma de alcançar pretensões políticas, o seu poder de atuação era possível pelo fato deles terem conexões com movimentos políticos que buscava a unificação dos povos eslavos e até mesmo com o governo da Sérvia.

Entretanto, ao analisarmos a edição do jornal em que traz a notícia da tragédia, podemos ver à necessidade por parte de quem escreveu a matéria, em evidenciar a forma de atuação das pequenas nações diante dos grandes impérios. No início da reportagem o colunista escreveu “A tragédia de Sarajevo é uma nova e terrível lição que os povos fracos infligem às nações imperialistas. Aliados de Guilherme II¹⁸, cujo alto sonho de conquista compreendia e sonhava também, o archi-duque Francisco Fernando não podia ser amado, nem mesmo suportado, pelos pequenos povos dos Baikans”^{19, 20}

¹⁸ Último Imperador alemão e rei da Prússia que governou de 1888 até abdicar do trono em 1918 no final da primeira guerra mundial.

¹⁹ Os Baikans (Balcãs) ou península dos Baikans (Balcãs) é uma área geográfica na Europa oriental e sudeste com várias fronteiras disputadas.

O trecho exemplificado acima, além de trazer certo incomodo dos pequenos povos, que motivados pelos ideais nacionalistas de liberdade, igualdade e fraternidade, buscavam a liberdade de seus povos em relação às nações imperialistas na Europa. Ao relatar as alianças do Guilherme II e logo em seguida do Arquiduque Francisco Ferdinando, percebemos que a aliança se dava pelo fato das duas nações buscarem as mesmas pretensões, sendo a principal delas a ideia do pangermanismo e pela Tríplice Aliança, ideais buscados pela Alemanha na qual pretendiam através da aliança agrupar em um só estado, todos os povos de origens germânicas.

Percebemos também, que ao argumentar sobre o fato do príncipe não ser amado nem suportado pelos povos Baicans se dava pelo motivo dele, logo no advento ao trono do seu pai Francisco José acarretar na instalação da Servia, Bulgária, Albânia e outros países, pois era notório para povos de outras nações as suas grandes ambições, onde ele pretendia levar para todos os cantos do Oriente a “espada e a coroa do império Habsburgo”. Isso nos deixa perceber, como uma série de interesses e ações vai despertar um espírito patriótico das nações envolvidas, fazendo com que algumas comecem a fazer alianças políticas com ideais semelhantes, entretanto, o assassinato de uma figura de extrema importância na realeza vai servir como uma primeira justificativa para os países que tinha vários interesses particulares no conflito.

No Piauí a guerra vai ter muita repercussão, visto que as notícias sobre a guerra chegavam até aqui através de telegramas e reportagens, que demorava de 1 a 3 dias depois do acontecimento até à notícia chegar ao Piauí e ser exibida nos periódicos locais, já que a maioria era de produção diária. Como dito anteriormente, a guerra vai ser destaque nos grandes impressos do Brasil e Piauí, entretanto, visto que tendiam a posicionar-se contra ou a favor das duas frentes formadas no conflito, Tríplice aliança e Tríplice Entente. Entretanto, sendo evidenciado como era feito o jornalismo em alguns periódicos do Piauí, podemos perceber na notícia publicada na pagina 2 da edição 170 do jornal *Diário do Piauí*, como visto anteriormente, traz no seu subtítulo uma reverência sobre o acontecimento, onde “o ódio sérvio leva ao túmulo os príncipes herdeiros do throno austríaco” (DIÁRIO DO PIAUHY, p. 2).

Dito isso, ao analisarmos o subtítulo da noticia, percebemos que a edição do Jornal *Diário do Piauí* traz fortes indícios de posicionamento referente ao acontecimento, pois logo ao iniciar o subtítulo dando respaldo ao “ódio sérvio”, deixa-

²⁰ Diário do Piauí ano 1914, edição 170, p. 2.

nos perceber um ar de posicionamento diante da Tríplice Aliança, formada por Alemanha, Áustria-Hungria e Itália como membro não combatente, pois a Sérvia no início da guerra fez parte da Tríplice Entente ao lado da França, Rússia e Grã-Bretanha. Diante da matéria publicada no periódico, vemos que o mesmo traz a notícia fazendo uma contextualização das motivações que levaram até o acontecimento em Sarajevo, desde a insatisfação das nações fracas diante das imperialistas até a tragédia do dia 28 de julho de 1914. No decorrer da matéria, podemos ver mais indícios por parte do jornal em mostrar a Sérvia como principal culpada do atentado, onde evidencia:

Hoje ou amanhã, em uma esquina de rua ou em um campo de batalha, Francisco Fernando havia de cair sob a mão vingadora de um Sérvio. O ódio com que estes se voltavam para a fronteira da Áustria está admiravelmente consubstanciável na palavra daquele patriota de Belgrado, que dizia, uma vez, a René Pinon: A Bósnia é a nossa alsacia Lorena Privados das suas pravineias de Bósnia e da Herzegovina, que Francisco José, inspirado por um gabinete imperialista, desmembrara a Servia, e a pretexto do protetorado provisório, anexara ao império, os sérvios não podiam, jamais perdoar aos seus vizinhos do norte, que tão audaciosos já se haviam mostrado na consumação dessa violência inominável, que escandalizava toda Europa (DIÁRIO DO PIAUHY, 1914, p 2).

Atentando a citação acima, podemos perceber além do ideal do jornal em mostrar uma Sérvia culpada, a indignidade da mesma com a ideia de anexação do seu território ao império Austro-húngaro que tinha como rei o Francisco José que estava preparando a transição do império para seu filho Francisco Ferdinando. É interessante perceber que o jornal evidencia o “ódio” em que o autor do atentado se dirigiu até as fronteiras que dividiam os países. Também percebemos um ideal de união diante dos patriotas Sérvios, quando fala “admiravelmente consubstanciável com a palavra daquele patriota Belgrado”,²¹ que nos evidencia como à população Sérvia tinha a mesma natureza, ou melhor, dizendo, as mesmas pretensões e ideais em sua essência. Mostramos, assim, que a maioria do povo Sérvio estava unido através dos mesmo ideais patrióticos.

No decorrer do noticiado, percebemos também a insatisfação do patriota Sérvio na intenção de anexação da Sérvia ao o império Austro-húngaro pelo imperador Francisco José, onde tinha pretensões imperialistas, juntamente com a Alemanha, de unificar todos os países que pertenciam aos povos germânicos na qual falavam a mesma língua. Ao falar que o imperador desmembrará a Sérvia faz referência a um direito por

²¹Jornal Diário do Piauí, edição 170, página 2 do ano de 1914.

parte do império Austro-húngaro, que causa indignação ao povo Sérvio, chamado de “protetorado provisório”. O termo faz veemência a um território ou país que, no direito internacional, possui alguns atributos de estado independente, porém, existem outros aspectos que os deixa subordinado a uma potência responsável pelas decisões de sua política externa, podendo até controlar e tomar decisões se preciso, no seu governo interno.

No entanto, logo em seguida, vemos um inconformismo por parte dos povos sérvios diante da situação, quando a reportagem traz: “os sérvio não podiam, jamais perdoar aos seus vizinhos do norte, que tão audaciosos já se haviam mostrado na consumação dessa violência inominável que escandalizava toda Europa”²². Podemos perceber, além do ódio por parte dos Sérvios diante das ações do império austríaco, um desejo de vingança que geraria a terrível ação que gerou o estopim da Primeira Guerra Mundial, além disso, mostra-nos o cenário em que a Europa se encontrava, onde cada ação escandalizava ainda mais o continente. O jornal estava sob a responsabilidade de Simplicio Mendes, político piauiense que chegou até a governar o Estado. O jornal contava ainda com a colaboração de literatos local, como Lucídio e Alcides Freitas, Celson Pinheiro, Fenelon Castelo Branco e outros membros que geralmente eram ligados à política e ao governo. O jornal teve sua criação em 1913, e o Governador na época de sua criação era Miguel de Paiva Rosa. Eram essas figuras que estavam por trás dos informativos do jornal, um dos mais famosos do Estado, na época.

Voltando os olhares para as notícias sobre a guerra, precisamente no jornal *A Cruz*, com a intencionalidade de publicar notícias para o público católico, o mesmo traz um apelo do Papa Benedito XV (Bento XV) à comunidade cristã. Ao tentar repassar recomendações para comunidade clerical na guerra, o jornal traz uma reportagem intitulada “ROMA”. Essa matéria é extremamente importante para percebermos a preocupação do Pontífice diante do conflito:

O santo Padre recomendou aos sacerdotes e aos católicos em geral que não estão envolvidos na triste conflagração europeia, que guardem a neutralidade fundada na caridade a qual se estende a todos os homens e a ninguém nem faz injustiça. A alma católica escreve o *Osservatore Romano*, órgão da Santa Sé, quer nas conversações particulares, quer nos jornais, não sai, não deve sair duma atitude de neutralidade efetiva, a qual lhe é imposta por um sentimento superior com que nada tem a ver este ou aquele partido (A CRUZ, 1915, p. 1).

²² Jornal Diário do Piauí, edição 170, página 2 do ano de 1914.

Através desse comunicado, é possível perceber uma orientação a todas as camadas católicas, seja ela sacerdotal ou a todos os católicos em geral. É interessante compreender que a notícia foi repassada a todos os órgãos de ação católica, por um meio de divulgação específico chamado de “*Osservatore Romano*”, o que dá a entender que era o órgão oficial responsável pelas publicações do Vaticano, intitulado “órgão da Santa Sé”. A notícia deixava claro que a comunidade católica não devia deixar a sua “neutralidade efetiva”, recomendada por um sentimento “superior”, fazendo veemência a instituição católica e a fé cristã, na qual os mesmos não tem nada a ver com algumas das frentes na guerra, seja a Tríplice Aliança ou a Tríplice Entente.

O periódico traz diversas matérias sobre a guerra, mostrando que a comunidade católica estava preocupada com o conflito. Essa edição do jornal trouxe outras reportagens abordando diversos fatores sobre a guerra, e acompanhado por evangelhos no intuito de incentivar a fé cristã. Notamos também que o jornal buscava trazer histórias de vivência na qual, no final das contas deveria prevalecer o cumprimento dos preceitos cristãos, sendo uma estratégia no sentido de não deixar a população católica desacreditar na possibilidade de paz, sendo assim, publicava junto as notícias cristãs sobre a guerra, também matérias que confirmassem esses princípios, intituladas “Ressureição de Cristo e a Pregação apostólica”.

Essa edição do jornal de 4 de Abril 1915 também traz outra reportagem interessante, voltando mais uma vez a divulgar algumas palavras do Papa. A matéria se encontra na terceira página dessa primeira edição com o título “O Papa e a Guerra” e subtítulo “Em caminho da Paz”. Nessa matéria, o jornal cita informações a respeito dos países envolvidos na guerra, ressaltando que os soberanos da França, Alemanha, Bélgica, Rússia, Servia, Turquia e outros países aceitaram uma proposta da Santa Sé sobre a troca de prisioneiros de guerra, argumentando que os mesmos eram incapazes de pegar em armas. Esse fato acontecia quando uma nação prendia cidadãos de outra inimiga e fazia com que os prisioneiros lutassem em seu exército e em troca se mantinham vivos. Em seguida é tida como satisfatória as ações do pontífice “A influencia benéfica do S. Padre Benedito XV vai ganhando terreno e é de prever que seus esforços em prol da paz sejam coroados de pleno êxito” (A CRUZ, 1915, p. 3).

É notória a tentativa de influenciar a população diante da guerra, tentando repassar palavras proféticas no sentido de frear os caminhos que a guerra estava trilhando. Visto que a Igreja Católica era um órgão de muita influência na época e continua sendo até os dias de hoje, faziam proveito de sua popularidade e comunidade

cristã para tentar acabar com as atrocidades da guerra. As reportagens dividiam as páginas dos jornais com notícias sobre a Igreja Católica, suas ações, além de poemas fazendo referência a imagem divina do senhor que era produzida pela população e divulgada no jornal. As notícias publicadas durante o período ficavam sob responsabilidade do diretor do jornal Raymundo N.H. da Silva: “Expediente: Toda correspondência deve ser dirigida ao gerente Raymundo N.H da Silva, à travessa da ribeira (A CRUZ, 1915, p. 1).

Outro jornal que será importante para a análise e que também trouxe notícias sobre a guerra foi o *Alto-Longá*, que se denominava “Órgão literário e noticioso”, trazendo em suas páginas além das notícias, textos literários. O jornal geralmente trazia quatro páginas de informativos, o referido periódico trouxe uma matéria sobre o conflito, na edição de número três de Agosto de 1917, sob o seguinte título: “Mensagem sobre o torpedeamento do Tijuca”, localizada na última página da edição. O texto trazia a seguinte informação:

É conhecida de toda a Nação a atitude que o governo assumiu quando a Alemanha comunicou a todos os povos neutros o estabelecimento de um bloqueio, por submarinos, da costa ocidental da Europa e de parte meridional, restringindo assim a liberdade dos mares e estendendo indistintamente ao mundo estranho ao conflito os mais violentos processos da guerra. O governo brasileiro formulou então o seu protesto e, tropeando o navio “Paraná” rompeu as relações diplomáticas e comunicacionais com a Alemanha (ALTO-LONGA, 1917, p. 4).

A citação traz referente à notícia do jornal, ressalta uma informação a respeito do bloqueio em que a Alemanha impôs aos países neutros na guerra. Notícias evidenciando essa atitude alemã tiveram muito destaque diante dos periódicos locais, como evidenciado antes, pois o bloqueio tinha como principal objetivo impedir a comercialização com países envolvidos diretamente na guerra. Perante a notícia do bombardeio que o navio brasileiro sofreu dos alemães, evidenciada acima, dar-nos a entender que o jornal apoiava a atitude do governo em romper relações com a Alemanha. O *Alto-Longa* tinha a sua circulação uma vez ao mês, sua comercialização era através de assinatura e tinha como redatores: Francisco Alencar redator-gerente, Francisco de Assis redator-auxiliar e Antônio Castro como redator secretário, o seu principal representante em Teresina era O literato Jonathas Baptista, que além de presidir o *Alto-Longá* também colaborou na produção de textos, crônicas, poesias e contos para outros jornais piauienses, com suas produções associadas à tradição familiar

e a desenvoltura dos lações sociais. No entanto, através dessas características, afirma uma posição contrária a guerra, já que era defensor de princípios sociais e familiares.

Também encontramos jornais piauienses que além da guerra, estavam preocupados com a crise que assolava a população local. Associavam a crise com o agravamento que a guerra trazia tanto para economia nacional como local, pois o Piauí no ano de 1915 sofria uma crise financeira e de seca na região, provocada pela escassez de chuvas e falta de água. Um desses jornais que demonstrou preocupação com o cenário político nacional e mundial, e que, conseqüentemente afetavam o Piauí, foi o jornal *O Tempo*, periódico da Cidade de Amarante no Piauí que se denominava um jornal político, noticioso e comercial, tendo suas publicações voltadas para essas áreas. O Jornal trouxe uma notícia sobre a guerra, na qual demonstrou indignidade com a sua emergência que, segundo a reportagem, só contribuiu para o agravamento da situação. A edição número 4 de dezembro do ano de 1915, na sua primeira página, levou ao público uma reportagem com o título “Pelo Piauí”, que trazia informações como:

Os estados e municípios, que não são entidades privilegiadas, também foram alcançados e as suas finanças sofreram na proporção que a crise a tudo arruinava: e quando todos trabalhavam para vencer a mesma crise, quando todas as energias convergiam para a solução desse problema mundial, surge a guerra europeia que, efetivamente, foi outro elemento de primeira ordem, para agravar a situação do país e principalmente dos Estados pequenos e pobres como o Piauí, que sofre injusta guerra de seus próprios irmãos do sul. Conquanto o preço da borracha tivesse melhorado alguma coisa, não pode contribuir para a salvação do comércio e das rendas públicas (O TEMPO, 1915, p.1).

Esse trecho é importante no sentido de refletirmos a respeito de alguns periódicos como *O Tempo*, que diferente da maioria, não tinha como uma das principais preocupações repassar notícias vindas diretamente da Europa ou tomar um posicionamento perante as duas frentes na guerra. Uma de suas principais características era preocupação com a economia local, o trecho deixa isso claro quando diz que à crise provocada pela guerra alcançou também os Estados e Municípios, e que os Estados menores e mais pobres como o Piauí foram um dos mais afetados, por conta da concorrência com os Estados do sul do país, que não sofriam tanto com a seca como o a região norte. Diante disso, teve sua economia prejudicada por esse fato, como exemplo, o gado era um elemento essencial local e teve uma extinção em massa provocada pela seca, e no sul por ter um clima mais temperado não sentiu tanto o efeito produzido nos estados do norte. Esse jornal era de cunho particular, tinha como redator e proprietário

Santyro de Castro Moreira, com produções quinzenais e por assinatura, o mesmo em suas características se mostrava contrário à guerra, visto que a mesma trazia consequências para o país e os Estados.

Outro jornal que trouxe notícias sobre o conflito, precisamente sobre o envolvimento brasileiro, foi o jornal *O Aviso* da cidade de Picos e, tinha como subtítulo uma frase em latim: “salus populi suprema lex” que significava “segurança é a lei suprema”. O periódico abordou os fatos em algumas edições como a de número 74 e 79 de Agosto de 1917, nesta primeira trará uma notícia advinda através de Telegramas (serviço especial de aviso) vindo do Rio de Janeiro. A notícia evidenciava a seguinte questão: “O governo de acordo com os Estados Unidos, entregou a marinha brasileira para o policiamento da costa, secundando a divisão americana, que policiará ao largo. É a primeira participação efetiva na guerra do Brasil” (O AVISO, 1917, p. 2). Essa notícia trás a informação da ajuda cedida pela marinha brasileira aos americanos na qual estavam reforçando os limites entre as águas brasileiras e americanas, sendo assim, é perceptível a posição do periódico em relação à Tríplice Entente, de modo que suas tendências ideológicas eram de apoio ao governo.

Suas publicações eram quinzenais, como boa parte dos periódicos piauienses e seu redator e proprietário era o Coronel Joaquim das Chagas Leitão, confirmando ainda mais suas bases voltadas para o governo. Na edição 79 do mês de Outubro o mesmo trará outra notícia sobre a participação brasileira na guerra, também vindas de Telegramas:

Devido ao afundamento do vapor mercantil brasileiro “Macau” por submarino alemão, o presidente da republica enviou mensagem ao congresso pedindo declaração de guerra imposta pela Alemanha, devendo internar tripulantes dos vapores mercantes e aprisionar canhoneira “Eber” internada na Bahia, com a respectiva guarnição. (O AVISO, 1917, p. 2)

. O trecho traz uma ação do presidente da república, que depois do afundamento do navio brasileiro pediu ao Congresso declaração de guerra a Alemanha e também a internação daqueles que foram atingidos no ocorrido.

Referente aos jornais citados anteriormente, o Pessoa e Sousa comentam duas notícias referentes aos jornais *O Xófrango* e *A Notícia*. Analisando a matéria trazida pelo jornal *A Notícia* com o título “O Brazil na guerra” em sua edição de número 57 de 1918, vemos que as relações por conta do ataque alemão aos navios brasileiros ocasionaram no rompimento de suas relações, além da influência da Inglaterra para que isso acontecesse. Segundo Pessoa e Sousa essa matéria repudia a entrada brasileira na

guerra, o trecho traz o seguinte: “Fomos levados a nos desprender dos laços tradicionais de amizade que mantínhamos com império alemão que o povo brasileiro exultou de cólera contra os atos vexatórios, diziam, do governo do Kaiser contra o povo e contra nação brasileira” (A NOTICIA, 1918. Apud, PESSOA E SOUSA, p. 12). É possível perceber a forma que o jornal trouxe a notícia, na qual o povo brasileiro achou prejudiciais os atos feitos pelos alemães, que levaram a nação a se impor perante a guerra. A direção do jornal ficava sob a responsabilidade de Cândido Gil, a maioria de suas publicações eram referentes à política, tanto nacional como estadual. No Piauí o jornal defendia a candidatura de Joaquim de Lima Pires Ferreira para ser deputado Federal.

CAPITULO 2

A CIRCULAÇÃO DE INFORMAÇÕES NO PIAUÍ SOBRE A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL.

2.1 A guerra e a transformação de uma sociedade

No atlântico, era uma lânguida noite de agosto. Os passageiros do Afonso XIII custavam a voltar às suas cabines sufocantes. O telégrafo recebia do mundo apenas notícias rotineiras. De repente...

O anúncio do monstruoso conflito passou no mesmo momento por todos os mares do mundo. [...]

As estações radiotelegráficas mais potentes emitiam, umas para as outras, a terrível notícia através dos oceanos. Poldhin começou, Nova York a retransmitiu para ainda mais longe; Buenos Aires e Cape Town estavam a escuta em outro hemisfério: Áden, Hong Kong e locoama enviavam aos antípodas a frase fatal. Seis palavras: A Alemanha declara guerra à Rússia. [...] Em vinte minutos, prodigiosamente, o grito de alarme deu volta ao globo, lançado de continente em continente por um fabuloso arauto. Na solidão ilimitada da navegação, centenas e centenas de navios o ouviram e o temeram. Nenhum aviso de tempestade jamais pusera em fuga tantos navios.”

Foi assim que o célebre jornalista, naquele momento a bordo de um navio espanhol em rota da América à Europa, descreveu a avassaladora notícia transmitida pelo telégrafo: a guerra europeia! [...] (ISNENGHI, 1995, p. 9).

Buscando analisar o contexto social em que vivia a sociedade piauiense, nos primeiros anos de guerra, podemos refletir acerca de determinados acontecimentos, práticas e ações que se tornam corriqueiras em momentos de grande tensão. A citação acima, nos possibilita entender que algumas mudanças sociais começaram a emergir já nas primeiras horas do início do conflito mundial, e uma dessas transformações perceptíveis era a “rapidez” em que se propagavam as notícias “alarmando” sobre o estouro de uma guerra. Os meios de comunicação são exemplos nítidos de como à guerra poderia atingir, mesmo que de maneira indireta, países e continentes que não estavam envolvidos no conflito, e de que maneira a modernização através dos meios de comunicação, vão possibilitar um impacto nas sociedades mundiais, resvalando no Piauí.

Sendo assim, percebe-se que um dos setores que mais demonstraram as transformações em favor da guerra foi o setor marítimo, juntamente com a marinha

brasileira, pois, apesar de o Brasil nos primeiros anos de guerra, ainda ter sua economia baseada no setor agrário, a marinha brasileira lançava-se ao mar para transações comerciais entre o Brasil e países da Europa. Entretanto, por conta dos embates entre as duas frentes da guerra, o Brasil acabou sendo prejudicado em uma de suas rotas de comércio. O jornal piauiense *O Tempo* trouxe na sua 13ª edição publicada no dia 15 de Maio de 1916 a notícia advinda através de Telegramas do Rio de Janeiro do ataque de um submarino alemão ao navio brasileiro “Rio Branco”, gerando uma repercussão considerável. A notícia dizia: “Parece ter causado grande indignação o torpedeamento do vapor brasileiro “Rio Branco” por um submarino alemão em águas inglesas. A tripulação salva, desembarcou em Blyth” (O tempo, 1916 p. 3).

O ataque feito por um submarino alemão teve uma repercussão negativa significativa, porém, não foi visto como algo ilegal pelo fato de que o navio estava sob serviço dos ingleses e em águas restritas para a circulação dos alemães. Entretanto, esse evento, se mostrava como um primeiro alerta para o Brasil diante dos acontecimentos que envolviam a guerra, e que, apesar da distância da Europa, estaria sujeito a ser atingido em algum momento do conflito. Sendo assim, essas notícias chegavam ao Piauí através de “telegramas”, meio de comunicação tido como o mais moderno na época e que tinha uma velocidade considerável para divulgar notícias atualizadas, podendo ser enviada de um continente a outro em minutos ou horas, como também de um local do país a outro.

No Piauí, durante o período da Primeira Guerra Mundial, as redes telegráficas estavam ainda sendo instauradas. Alguns estados vizinhos como Maranhão e Ceará tiveram o desenvolvimento da tecnologia primeiro que o Piauí. Diante das várias mudanças sociais que a guerra causou em todo mundo, o aprimoramento dos meios comunicacionais também foi um deles, pois divulgar o que se passava na Europa e no mundo era um dos interesses de jornais locais e também de alguns setores da sociedade. Sendo assim, a instalação de telégrafos tanto no nordeste como no estado do Piauí aconteceu de forma desproporcional, na qual alguns locais tiveram acesso à tecnologia primeiro que outros. O jornal *Alto Longá*, na edição de número 4 do ano de 1917, ano em que a guerra estava no seu auge, trás uma notícia sobre a instalação desses telégrafos. O título da matéria é “Repartição geral dos Telégrafos distrito do Piauí”, com subtítulo “construção de linhas telegráficas, por conta do credito de cem contos distribuídos aos distritos”. A notícia dizia:

No correr ano de 1915 a Diretoria Geral determinou os seguintes trabalhos: conclusão da linha de São João do Piauí a São Raimundo Nonato e construção das linhas para Pedro II, Batalha, Alto Longá, Urussuhy e Remanso, na Bahia distribuindo ao distrito crédito que importam em cem contos de réis. Esses trabalhos foram iniciados no dia 19 de Outubro de 1914. [...] No corrente ano de 1915, foram inauguradas as seguintes estações: São R. Nonato a 12 de janeiro, Pedro II a 21 de maio, Batalha a 14 de julho, Urussuhy a 7 de setembro. [...] A conservação dessas novas linhas correu pelo mesmo crédito e absorveu a importância de cerca de 9 contos de réis. [...] O serviço de Remanso ficou quase a terminar. As despesas de conservação, não previstas em orçamentos, e a carestia da construção de Pedro II, toda em mata, em terreno pedregoso e acidentado, vieram a prejudicar a construção de Alto Longá, cujo material se acha em depósito, faltando, apenas que alguém se interesse por essa necessidade inadiável para todos nós. (JORNAL ALTO LONGÁ, 1917, p. 3).

É interessante perceber, que a construção das linhas telegráficas passava por dificuldades, pois além do período para o término da construção, parece que as obras se iniciavam e tendiam a parar, necessitando da chegada de novas verbas e a determinação de órgãos competentes para conclusão das mesmas. É perceptível que as obras eram feitas em etapas, sendo regida através da existência de recursos para sua conclusão e aprimoramento. Entretanto, nota-se que algumas instalações tinham despesas mais altas que outras, e os motivos eram decorrentes de causas naturais locais, como o terreno, periculosidade e entre outras, na qual no último trecho da notícia, nos deixa a entender, uma falta de interesse na conclusão da estação de Alto Longá, podendo ser atribuída à falta de trabalhadores e pessoas capacitadas para obra, ou a falta de interesse no investimento da estação.

Ainda assim, o jornal trás alguns dados importantes sobre as obras, exemplificando as datas de inauguração de cada uma, como também à distância em quilometragem entre uma e outra das cidades vizinhas. O informativo também ressalta o valor de cada obra, desde a mais cara até a mais barata, se sobressaindo como maior valor investido a estação de Remanso, onde teve uma quantia de investimento estimado em 25:663\$00 réis, moeda da época, e a de menor valor sendo a obra na cidade de Batalha, onde teve um orçamento estimado em 4:725\$000 réis. As demais cidades tiveram os seus gastos entre 15:235\$000 e 23:200\$00²³. Entretanto, às obras da cidade de Remanso, assim como Alto Longá, como exemplifica o jornal “ficaram quase à

²³ Jornal Alto Longá: “Órgão literário e noticioso”, edição nº 4 de Abril de 1917.

terminar”, fato provocado pela falta de recursos e no caso da ultima, pela falta de interesse de pessoas qualificadas para o término da obra.

O jornal, além das notícias sobre as obras das estações para o envio de telegramas, trouxe em edições futuras notícias sobre a guerra que chegaram ao Piauí já a partir das primeiras estações, mostrando que várias foram terminadas e estavam funcionando como se esperava. Sendo assim, na edição de número 3 do ano de 1917, o jornal traz uma notícia sobre outro torpedeamento de submarinos alemães sobre navios brasileiros, um ano depois da notícia trazida pelo Jornal *O Tempo*, vista anteriormente, o fato se repetiu, e dessa vez no bairro da Tijuca na cidade do Rio de Janeiro. A notícia chegou ao Piauí através do jornal *Alto Longá*, na edição número 3 de 1917 que vinha com o título: “Torpedeamento da Tijuca”: “A notícia do torpedeamento da Tijuca começou a circular, em rumores vagos. *O paiz*, do Rio, publicou um despacho de Paris comunicando que o afundamento se dará ao longo das costas da Bretanha” (Jornal Alto Longá, 1917, p. 3).

É interessante notarmos, que a partir do ano de 1916, as notícias sobre o conflito, e principalmente sobre algum acontecimento envolvendo o Brasil, vieram a ter mais presença nos jornais locais, mostrando que a guerra, esteve intimamente ligada a construção das estações telegráficas, reafirmando a importância da sua chegada ao Piauí para a circulação das notícias no Estado. É perceptível que há certa transformação na sociedade piauiense, pois o contato com uma maior variedade de notícias, seja de caráter nacional ou internacional, passou a ser mais corriqueiros, passando a gerar maiores impactos no comércio, na política ou no meio social. A reportagem continua ressaltando que as notícias chegavam através do Telegrama: “Outros telegramas publicados em outros jornais, e os despachos oficiais dos ministros brasileiros em Londres e na capital da França, trouxeram a confirmação positiva: o *Tijuca* fora torpedeado por um submarino alemão, a 20 de maio, pelas 10 horas e 40 da noite, morrendo um marinheiro” (Jornal Alto Longá, 1917, p. 3).

Vemos através dessa passagem, que essas notícias eram publicadas e reproduzidas em diversos jornais, fazendo com que a veracidade da notícia tivesse ainda mais consistência. Além disso, vemos uma primeira movimentação do governo brasileiro diante dos atentados aos navios, onde o ministro viajou até a Europa para apurar e descobrir os verdadeiros responsáveis pelos ataques. Tais visitas confirmaram que os ataques foram feitos por submarinos alemães, e através do ocorrido, as relações entre os países parceiros do Brasil passarão a serem mais estreitas, provocando um

posicionamento mais incisivo e maior participação brasileira na guerra que aflorava na Europa.

Podemos perceber um atraso da marinha brasileira em comparação com as tecnologias utilizadas pelos navios alemães, que já contava com submarinos avançados, ficando evidente a diferença do arsenal bélico naval. Isso mostra como a guerra pode provocar também a busca pelo aperfeiçoamento tecnológico não só do arsenal marítimo, como de outros setores da sociedade, como citado anteriormente. Isso é evidente quando o autor Isnenghi argumenta: “a primeira guerra mundial inicia a utilização em grande escala de armas mais modernas e poderosas, fruto de novas tecnologias. A artilharia, em especial, é dotada de peças de grande calibre, com enorme capacidade de destruição, mesmo a longa distância. Seu papel foi decisivo” (ISNENGHI, 1995, p. 37).

Isso mostra como o submarino alemão que atacou por duas vezes os navios brasileiros, eram tecnologias mais avançadas e incapazes de serem rebatidas pelos brasileiros. No entanto, isso irá provocar um alerta sobre a necessidade do aperfeiçoamento de nossos navios, como também, para a entrada brasileira na guerra. Em relação às novas armas: “algumas, em especial, logo apareceram e se fixaram na memória dos povos como símbolo do primeiro grande conflito mundial. O mesmo ocorre com as técnicas de guerra” (ISNENGHI, 1995, p. 37). Foi esse símbolo que ficou na memória dos brasileiros logo após esses primeiros ataques, pois os nossos navios, que desde então, tinham como principais funções o transporte de mercadorias, agora teriam que se aperfeiçoarem para situações de guerra.

Esses mananciais tecnológicos da época sejam eles comunicacionais, com as implantações de estações de telégrafos no Piauí, como os navios alemães e seus submarinos que de longe, eram mais modernos que os nossos, podem ser vistos como inofensivos e sem grandes consequências quando comparados às tecnologias atuais, mas, para o período de guerra (1914-1918), eram tidos como verdadeiros símbolos do progresso, com máquinas poderosas e que poderiam causar grandes prejuízos ao inimigo e até mesmo desafiar leis da natureza.

Em termos de comparação de diferença naval entre navios brasileiros e alemães e a mobilização para a guerra, podemos entender que o último conflito envolvendo o Brasil havia sido a Guerra do Paraguai, quando a maioria dos navios era a vapor e continuaram com as mesmas características no início da Primeira Guerra Mundial, onde era na sua grande maioria a vapor e cargueiro, diferente das tecnologias encontradas nos submarinos alemães. Sendo assim, quando refletimos sobre os avanços

vistos nas marinhas de países europeus, podemos compreender melhor a partir da passagem de Isnenghi:

Quanto a marinha comercial e militar, seu papel essencial consiste em garantir ou bloquear, nos diferentes países, o fluxo dos suprimentos, mesmo quando há verdadeiros afrontamentos militares. [...] Entretanto, o papel da Marinha é o de apoio estrutural necessário para se levar a cabo um esforço militar acima de tudo terrestre. Os exércitos terrestres estavam basicamente mecanizados – relativamente, é claro, à época e ao nível de industrialização atingidos em cada país (ISNENGHI, p. 39. 1995).

Essa passagem nos mostra as reais intenções nas ações das marinhas envolvidas na guerra, como no conflito com o Brasil, quando em uma das ocasiões atacou um navio comercial por conta do bloqueio. Os mares eram vistos como uma estratégia de guerra, pois os exércitos terrestres já eram tidos como mais estruturados, e a melhor desenvoltura nos mares poderia ser decisiva no conflito, visto que, cada país tinha os seus níveis de industrialização, uns mais desenvolvidos que outros, ter a Marinha mais bem preparada poderia ocasionar maior poderio econômico e político. Isso nos mostra o porquê de o Brasil não ter a Marinha tão desenvolvida, pois não havia histórico de grandes conflitos que envolvessem o Brasil e os navios eram, em sua grande maioria, comerciais.

Nesse sentido percebemos como cada país buscava seu aperfeiçoamento tecnológico em níveis individuais, pois, “além de trazer sua história e a imagem que faz de si mesmo e dos outros, cada povo entra na guerra também com o seu nível de evolução do momento: evolução técnica, econômica e organizacional”. (ISNENGHI, p. 40, 1995). Sendo assim, depois dos ataques feitos pelos submarinos alemães, na qual provocou a entrada do Brasil na Guerra, as estruturas sociais vão mudando, mesmo que de maneira desproporcional. Isso se mostra na chegada do Telégrafo no Piauí, como parâmetro de progresso e maior circulação de informações sobre acontecimentos nacionais e internacionais.

O impacto econômico diante das estruturas sociais em nível local pode ser medido quando há o investimento nessas redes, pois havia um diretório especializado, e essa necessidade de investimentos foi também influenciada pela Guerra, na intenção de propagar os meios de comunicação. Além disso, em termos de evolução técnica, podemos compreender a necessidade de evolução dos nossos navios, pois precisavam se adequar de forma que pudessem se defender, ou evitar esse tipo de ataque feito por algum inimigo, ou até mesmo para um eventual contra-ataque, pois a Marinha teria

agora que pensar nas suas frotas para além de navios cargueiros comerciais, à medida que deveriam acompanhar as evoluções e mudanças que o momento exigia.

2.2 A constituição visual da guerra nos jornais piauienses

À medida que as estruturas na Europa vão mudando, seja no sentido do trabalho nas fábricas, onde ocorre a inversão dos papéis, na qual a mulher toma as rédeas das fábricas e se colocam no lugar do homem, que vai lutar no conflito, no Piauí, os jornais fazem da guerra e das notícias sobre o conflito, um campo fértil e estratégico para atingir o mercado consumidor, na qual os produtos anunciados nos jornais utilizavam-se de notícias da guerra como estratégia para chamar a atenção do leitor, com propagandas acompanhadas de notícias sobre o conflito, além de recursos visuais.

Algumas edições dos jornais piauienses, que carregavam notícia sobre o conflito, geralmente, traziam no final do jornal, alguma propaganda ou anúncio de produtos diversos para serem conhecidos/consumidos por um público leitor, a fim de atingir os interessados pelos jornais e os influenciarem a adquiri-los. Mesmo que o jornal não trouxesse alguma notícia sobre a guerra, tinha sempre alguma coisa que lembrava o conflito, seja o termo “guerra” ou ilustrações que chamavam a atenção do público alvo. Sendo assim, em muitas edições de jornais, era comum uma forma ilustrada de atingir o consumidor, através de uma estratégia de convocação, que nos deixa a entender que foi copiada das propagandas militares do governo norte americano para os seus compatriotas se alistarem no exército. As imagens a seguir demonstram tal afirmação:



Figura 1 – Cartaz mostrando o Tio Sam, na Primeira Guerra Mundial, ilustrado por James Flagg em 1917. Fonte: (WIKIPEDIA, 2017).



Figura 2 – Propaganda feita por uma farmacêutica no Jornal O Arrebol, ano de 1918. Fonte: (Jornal O Arrebol, 1918. p. 4).

Através das imagens acima, podemos perceber a semelhança das mesmas, tanto nos personagens como na representação e intenção de apontar para o leitor. Entretanto, a primeira imagem que representa o Tio Sam²⁴, ficou muito conhecida por ser o símbolo de convocação do exército americano para civis se alistarem e servir a pátria, logo depois da entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra no dia 6 de abril de 1917. Na ilustração, o Tio Sam se dirige aos compatriotas e diz: “Quero você para o exército americano”. O símbolo acabou sendo uma marca registrada dos americanos diante das convocações, não só na primeira guerra mundial, como também na segunda. O subtítulo significa “estação de recrutamento mais próxima”, nos possibilitando a compreender, que havia diversas estações encarregadas de executar tais serviços, e que atingiam diversos locais do país.

Sendo assim, ao analisarmos a imagem americana e a publicada no jornal piauiense, logo podemos perceber a semelhança entre o Tio Sam e o personagem que faz a propaganda. A segunda figura foi uma propaganda de um remédio publicada no Jornal *O Arrebol*, no dia 28 de abril de 1918 na cidade de Teresina, na sua edição de número 8. É interessante perceber, que a imagem do homem no cartaz publicitário, faz um sinal de direcionamento para o público leitor o convocando para adquirir o produto,

²⁴ https://pt.wikipedia.org/wiki/Tio_Sam#/media/File:Unclesamwantyou.jpg

assim como o Tio Sam faz para os compatriotas americanos para convocá-los ao exército. Além disso, podemos perceber que a publicação feita pelo jornal piauiense é exatamente um ano depois da entrada dos Estados Unidos na guerra e da propagação de sua ilustração de convocação, que por sinal, pode ter chegado também ao Piauí.

Sendo assim, o fato nos possibilita a entender que a ilustração piauiense, pode ter sido inspirada pela imagem americana, tanto na forma do personagem, como na intenção de atingir o público leitor. Na propaganda o personagem se dirige aos leitores apontando o dedo e dizendo: “Estais Avariado?”, “quais as manifestações que vos incomoda?”. O sentido da ilustração é atingir o leitor e influenciá-lo a comprar o remédio, que segundo a reportagem, pode curar diversas enfermidades como: “dores nos músculos, dores de cabeça noturnas, queda de cabelo, inflamação e queda das unhas, manchas na pele, tumores, dores nos órgãos internos, corrimentos químicos, doenças de olhos ou ouvidos”. (O Arrebol, 1918. p. 4).

Entretanto, a continuação da publicidade trará outro título dando sequência às informações do produto: “Usai o antigal do Dr. Machado”, “remédio de gosto agradável, aprovado pela Diretoria Geral de Saúde Pública do Rio de Janeiro, que vos curará radicalmente em pouco tempo”. (O Arrebol, 1918. P. 4). Além dessas informações, é argumentado que apenas uma unidade é o bastante para acidentes de caráter primário e secundário, e que o produto é vendido em todas as farmácias e drogarias do país, e que o propagandista no Piauí é o Antônio Prado de Moura. O jornal trás notícias de caráter estadual, nacional e também mundial, pois também trouxe em algumas de suas edições notícias sobre a guerra.

A direção do jornal estava sob a responsabilidade de Antônio Prado de Moura, que também era redator e proprietário, e contava também com outros redatores e colaboradores diversos, como está descrito no informativo de início com informações da produção do periódico. Pode-se perceber, que o Antônio P. Moura além de ser proprietário do periódico, é também o responsável pela propaganda do produto no Piauí, ficando visível que a ilustração que levava a propaganda, era descrita em diversos periódicos pelo Brasil, e que, além disso, existia um comércio envolvendo o fabricante e o dono do jornal para a publicação e responsabilidade pela mesma nos periódicos, sendo reproduzidas em outras edições, inclusive nas que levavam notícias do conflito, mostrando que não só a imagem, mas também a guerra poderia ser uma estratégia para o comércio à medida que chamavam a atenção dos leitores.

No entanto, diante das análises feitas, pode-se perceber que o jornal também se designava “órgão de literatura infantil”, e trouxe em várias de suas edições poemas e outras produções literárias que refletiam sobre questões do dia-a-dia, como o amor, o país, e também a guerra. Na edição de número 4, que foi publicado em Teresina no dia 24 de fevereiro de 1918, o periódico trouxe um poema intitulado “Pela Pátria”, com o subtítulo “Aos meus cidadãos”. O mesmo trazia uma reflexão patriótica da participação brasileira na guerra, sendo o seguinte poema:

“PELA PATRIA”

(Aos meus cidadãos)

Ao ver-tê, ó Pátria em guerra, eu sinto-me impoluto,
Do teu pendão á frente, aurifulgente e forte!
Mas sigo-te orgulhoso, ao teu favor disputo.
Sem recuar-te um passo e nem temer a morte.
Por ti serei soldado e destemido e bruto,
No campo de batalha a defender-te a sorte,
Embora, que a granada, o projectil soluto,
Rebente sobre mim e me estraçalhe e corte...

Mas, dentro do combate, até o estilhaço infame,
Hei de punir-te a causa em face da destida,
Contra qualquer hostil que o teu pudor difame!...

Hei de seguir-te, ó pátria, em timbre deste pleito,
A’ busca da Alemanha- a gênese maldita,
Enquanto ida pulsar-me o coração no peito...
F. Brillhante. (Fortaleza, 11, 1917)
(O Arrebol, 1918, p. 2. Ano 1918).

Como visto acima, o poema faz alusão à entrada do Brasil na guerra, na qual o mesmo nos passa um sentimento de amor e patriotismo, onde o autor faz alusão logo de início, a uma certa pureza e dignidade perante a nação. A pessoa que assina o poema é intitulada como F. Brillhante, e o mesmo foi publicado em Fortaleza no mês de novembro no ano de 1917, sendo reproduzido no jornal piauiense no ano de 1918. É interessante perceber, o sentimento que o autor carrega em seu texto, colocando pra fora em forma de poema todo orgulho e amor pela pátria brasileira, apoiando a entrada na guerra, e através das palavras, se dispõe a lutar em favor da nação e nem mesmo a morte é capaz de fazê-lo temer. O motivo pela qual o Brasil entrou na guerra, como dito anteriormente, foi o ataque dos submarinos alemães a navios brasileiros, e o sentimento de ódio e de vingança perante os mesmo, é evidente no final do texto.

Ainda assim, ao refletirmos sobre a publicação desse poema nos jornais piauienses, podemos perceber a intenção de propagação do sentimento patriótico de amor à nação e de ódio aos alemães, alimentando o desejo de vingança e a vontade de lutar pelo país. A intenção de provocar um impacto na população piauiense, fazendo com que os mesmos se apropriem desse sentimento e desejo, é evidente, no momento em que o poema vem de um Estado para outro. No entanto, podemos perceber que o mesmo carrega uma motivação para que os homens piauienses, além do orgulho pela pátria, possam despertar o desejo de lutar por ela, e esse fato, poderia ser alimentado ou concretizado com o sujeito se alistando no exército ou se colocando a disposição da pátria.

Voltando a analisar a maneira na qual se comporta o comércio piauiense e seu enfoque em noticiar o varejo e mercadorias nos periódicos, pode-se perceber uma maneira estratégica de algumas indústrias para atrair a atenção do leitor à medida que, procuram se sobressair diante de um comunicado feito pelo presidente da república Venceslau Brás por conta da entrada do Brasil na guerra mundial e também, a ascensão de uma desconfiança no mercado e o medo de uma possível crise financeira se instalar no país, usam às palavras do chefe da nação para, ao mesmo tempo, fazer a propaganda de sua marca. O jornal *Chapada do Corisco*, no ano de 1918, trouxe na edição nº 1 de 11 de maio de 1918 o comunicado feito pelo presidente, acompanhado de uma propaganda para convencer o leitor de que a empresa era a única que trabalhava de acordo com as indicações do presidente.

O mesmo trazia o seguinte comunicado: “Palavras do chefe da nação”; “É oportuno que aconselhamos a maior parcimônia nos gastos de qualquer natureza. A mercearia Carvalho & Carvalho, rua Paysandu, é a única no caso de fazer fornecimento, de acordo com as recomendações oficiais” (JORNAL CHAPADA DO CORISCO, 1918, p. 3). É notória a intenção da empresa que promove o anúncio, em querer repassar aos seus consumidores que a mesma está de acordo com a recomendação do presidente e mantém o seu fornecimento de estoque, com mercadorias baratas e que atendem os anseios da presidência e o momento que o país e o Piauí vivem. A partir desse fato, o autor Isnenghi fala em sua obra “História da Primeira Guerra Mundial”, ao retratar algumas mudanças no cotidiano em que vivia a sociedade europeia, quando o mesmo diz:

A estrutura de trabalho nas fábricas e a composição da classe trabalhadora (não apenas nas fábricas) passam por mutação: as mulheres carteiros ou condutoras de bondes despertam a curiosidade. [...] As próprias cidades mudam de aspectos. [...] Não são apenas as cidades da linha de frente atingidas pela guerra, tais como as cidades da Bélgica, da Alsácia e da Lorena, ou Gorizia e Trieste, símbolos dos conflitos entre italianos e austríacos. A influência do conflito ultrapassa as cidades e aldeias ocupadas ao sabor das mudanças dos deslocamentos dos *Fronts*. (ISNENGHI, 1995, p. 62).

Diante dessa citação, podemos compreender que as mudanças provocadas pela guerra causaram transformações não só para os países que estavam envolvidos diretamente no conflito, mas também alcançaram proporções mundiais, atravessando mares e continentes. Isso retrata o porquê da mudança de postura do governo brasileiro na época, e também das indústrias nacionais e piauienses, pois a influência foi além dos *Fronts* de guerra, onde, “a normalidade se vê dinamizada e transtornada, tanto na vida cotidiana dos civis como na atividade comercial ligada a um número de residentes, de hábitos e costumes sociais, da moral pública” (ISNENGHI, 1995, p. 64). Sendo assim, mesmo que essas mudanças que emergiram no Brasil e no Piauí, não tenham tido às mesmas proporções na qual foram as da Europa, elas puderam ser sentidas, mesmo que minimamente, pelas populações locais.

Percebemos que, além do posicionamento dos periódicos diante das duas frentes na guerra, as estratégias comerciais foram utilizadas para ganhar vantagem diante da curiosidade da população piauiense nas notícias sobre o conflito, de modo que, à maioria das propagandas estavam relacionadas à guerra, mesmo que de forma indireta, usando apenas o termo. O jornal *Chapada do Corisco*, também na edição número 1 do dia 11 de maio de 1918, trouxe outra dessas estratégias comerciais, na qual a publicidade tinha o título “A guerra e as Saúvas” dizia: “Compre uma maquina de foliar formigas, na casa de Aphrodisio Oliveira, a fim de destruir estas terríveis inimigas da lavoura, eviteis que a fome, que bate as portas da Europa, não nos afluja também e antes possamos ser o celeiro de nossos aliados” (Jornal Chapada do Corisco, 1918, p. 5).

É interessante perceber através da citação, as estratégias de convencimento utilizadas pela empresa que, além de transparecer uma guerra entre os agricultores e as formigas, se apropriaram da situação em que vivia a Europa, na qual várias cidades eram assoladas pela fome causada pelo conflito, pois houve a diminuição da produção de alimentos e das atividades industriais, procurando causar uma espécie de medo na

população local, deixando a entender que o mesmo pudesse acontecer no Piauí, mostrando as “formigas” como outro problema, além da guerra, e, com isso, vender os seus produtos. Além disso, o mesmo tenta repassar que através da atitude, as localidades que seguissem o conselho, constituiriam lugares propícios para os aliados e amigos da nação.

O jornal *Diário do Piauí*, também abordou uma matéria que trazia fatos sobre o comércio brasileiro em relação à guerra, onde podemos entender como a preocupação com o setor era evidente e a tentativa de manter o comércio com os países aliados ao Brasil cada vez mais necessário. A notícia foi publicada no primeiro ano de guerra, quando o Brasil ainda mantinha sua neutralidade no conflito, porém, mantinha comércio com os países envolvidos, como a Inglaterra, e que a consideravam como uma nação amiga. O título da notícia era: “A guerra Europeia”, com subtítulo “A guerra e o comércio”, na qual a mesma dizia:

No meio da destruição da vida humana, e da perda de energia produtiva e de dinheiro, há, do ponto de vista inglês, três fatores que surgem, com transcendente claridade, do nevoeiro da guerra. Este são o poder da Bretanha, a solidariedade do império e a força de nossa posição econômica. [...] Com relação ao fator, temos uma empolgante lição no valor do poder marítimo. [...] A marinha, assim, não somente paralisou o comércio marítimo do inimigo, mas tem conservado transe nossas rotas no mar, abastecendo-nos com segurança e a nossos aliados, de viveres e de matérias prima (DIÁRIO DO PIAUHY, 1914, p. 2).

Esta matéria foi publicada na edição de número 269 do periódico, no dia 26 de novembro de 1914, poucos meses depois do início do conflito. Como era um *Órgão oficial dos poderes do Estado*, é interessante perceber diante da notícia, as primeiras preocupações do governo com o comércio diante da guerra, a necessidade de manter as relações comerciais com os países aliados, além de manter a força econômica não só do país como um todo, mas também no âmbito local. Entretanto, houve uma paralisação das relações comerciais com países considerados “inimigos”, mantendo relações apenas com países considerados aliados, fornecendo matérias primas, alimentos e utensílios necessários para os viveres. Isso nos faz refletir e entender, o porquê das relações com a Alemanha terem sido curtas, e que essa posição do comércio brasileiro ocasionou, futuramente, os ataques de submarinos alemães às embarcações comerciais brasileiras, como abordado anteriormente.

2.3 - As convocações e propagandas nos jornais piauienses sobre a guerra

Ao procurarmos perceber os momentos em que iniciaram as propagandas tanto do exército brasileiro com também da marinha com a intenção de chamar a atenção para o alistamento no serviço militar, ou em outro setor que compõe às forças de defesa do Brasil, vemos que essas ações foram mais intensas nos períodos de maior conflito com o país. A imprensa piauiense teve uma primeira participação e divulgação dessas propagandas, durante o início da Guerra do Paraguai, que segundo o Johny Santana de Araújo, ao analisar o trecho de uma notícia publicada no jornal *Liga e Progresso* em Teresina sobre o conflito, diz que:

Esse fragmento faz parte de uma série mais ampla de notícias publicadas no dia 31 de Janeiro de 1865 e, de certa forma, inaugurava o início da cobertura jornalística sobre as hostilidades entre o império do Brasil e a República do Paraguai, com ampla divulgação das notícias sobre a guerra e a intensa propaganda em torno dela (p, 115)
25

Isso nos mostra como os jornais foram importantes, pois, além de ser um mecanismo propício para veicular as notícias, também serviam como um campo fértil para difundir as propagandas de convocação ou seleção de novos recrutados para o conflito. Durante os anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial, já vemos uma movimentação dessas esferas para chamar a atenção dos civis, em especial, dos homens locais para se alistarem no serviço. Isso pode ser visto no Jornal *Diário do Piauí*, na edição número 39 do ano de 1911, com o seguinte informativo “Sorteio Militar”:

Todo o cidadão brasileiro, desde a idade de 21 a 44 anos completos, é obrigado ao serviço militar. Não podem servir no exército os indivíduos condenados por crimes previstos no art. 46 do código penal da armada e os que forem privados dos direitos de cidadãos brasileiros. O serviço militar será prestado no exército ativo, por dois anos e suas reservas por 7; na segunda linha e suas reservas por sete anos e na terceira linha ou guarda nacional por 44 (Diário do Piauí, 1911, p. 1).

Através do fragmento, podemos compreender como se dava a seleção para o serviço militar nos primeiros anos antecedentes da guerra, além das idades mínimas e limites para o alistamento. Vemos que a idade limite é bem superior a dos dias atuais,

²⁵ Araújo, Johny Santana de. *Bravos do Piauí! Orgulhai-vos... A propaganda nos jornais piauienses e a mobilização para a guerra do Paraguai* / Johny Santana de Araújo. – 2. Ed. – Teresina: EDUFPI, 2015. 413 P. : il.

mostrando que as oportunidades de incorporação eram maiores. Além disso, havia uma série de regalias para aqueles que se dispusessem a servir, pois, era necessário estar quites com o código penal da corporação. É importante ressaltar a possibilidade de que muitos tenham seguido carreira no exército, na qual militares de segunda e terceira linha que se alistaram nesse corrido ano, podem de fato ter lutado pelo Brasil.

As convocações geralmente aconteciam através dos jornais, o veículo era tido como um dos principais informativos e sempre que havia seleção, eram publicados nos periódicos. No mesmo ano de 1911, o *Diário do Piauí* teve outras publicações, como a edição número 30 do jornal, na qual carregava um informativo com o tema: “voluntários ou sorteados para o exército”, com o objetivo de preencher os cargos existentes, tendo o número de vagas elevado para 35.500 praças em todo o Brasil, segundo a matéria. No decorrer do informativo, é ressaltado ainda que: “[...] o sr. general Ministro de Guerra determinou que por telegrama que às autoridades militares nos Estado e na República, que executassem a lei do sorteio militar [...]” (*Diário do Piauí*, 1911, p. 1) .

Através do fragmento, podemos compreender que o processo de sorteio era um pedido das autoridades nacionais, modalidade que deveria ser cumprida de acordo com a determinação do Ministro de Guerra. A determinação foi promulgada no Diário Oficial da união na qual as autoridades militares responsáveis em cada Estado se encarregavam do recrutamento, assegurada por lei. A notícia continua:

[...] Se no prazo de 30 dias não se alistarem voluntariamente para o serviço do exército, o número de vivis de que se compõe cada contingente que deve ser fornecido anualmente por cada Estado, de acordo com os artigos 86 e 87 da Constituição da República. [...] O Estado do Piauí fornecerá 151 voluntários ou sorteados conforme consta no edital publicado no Diário do Piauí. [...] ²⁶

Como visto acima, havia uma série de requisitos a serem cumpridos no âmbito da seleção/convocação, pois os Estados que não conseguissem atingir o número mínimo de civis inscritos, deveriam fazer um sorteio onde aqueles que fossem “contemplados” deveriam servir obrigatoriamente ao exército Brasileiro. Entretanto, apesar das forças brasileiras fazerem sempre as seleções militares durante os anos que antecederam o conflito, esses procedimentos ficaram um pouco esquecidos pelos jornais piauienses entre o período de 1911 e 1914, ano de início do conflito mundial. No entanto, ao analisarmos os jornais de 1914, ano de propagação da guerra, por conta da neutralidade

²⁶ Jornal Diário do Piauí, p. 3 da 30ª edição no ano de 1911.

adotada pelo Brasil, são mais corriqueiras nos jornais locais, notícias sobre os serviços militares de países envolvidos na guerra, como a Inglaterra.

O *Diário do Piauí* trouxe a informação de uma dessas seleções, em sua edição de número 178 de 1914, além da notícia, também fez críticas a essa seleção: “O exército Inglês, com um imperfeito serviço militar obrigatório, poderá atingir em campanha cerca de 300.000 mil homens. A Inglaterra tem um exército colonial, talvez superior àquela cifra, impossibilitada de lançar mão dele” (*Diário do Piauí*, 1914, p). A crítica feita pela Imprensa piauiense é devido ao fato de outros exércitos Europeus estarem com um exército maior que o dos ingleses. O informativo continua: “O exército Sérvio em pé de guerra atinge a cerca de 400.000 homens. Está, porém muito desfalcado e em deficiência do material bélico gasto na guerra balcânica” (*Diário do Piauí*, 1914, p. 2).

Através disso, podemos entender a crítica feita pelo jornal em relação à Inglaterra, pois a mesma fez um grande esforço para aumentar o seu exército em caráter da seleção e não foi capaz de se sobressair com este procedimento em relação às nações envolvidas no conflito, que em tese, eram consideradas menores, tanto em poderio bélico como econômico. Além disso, as informações nos remetem ao fato de que a Sérvia, apesar de ter o exército em números maiores do que os ingleses estava desfalcada por conta da guerra balcânica, que foi um das principais motivações para o estouro da Guerra Mundial em 1914.

Pouco tempo antes do estouro da guerra, a marinha brasileira ainda estava começando a reforçar sua esquadra naval, se apropriando de submarinos modernos para época. Uma passagem feita no *Diário do Piauí* na edição 87, de 18 de Abril de 1914, pouco antes de começar a guerra, abordou esse fato, onde trouxe um trecho intitulado “a nossa marinha de guerra”, na qual diz:

O nosso almirante Alexandrino de Alencar, ministro da Marinha, recebeu propostas de compra dos três submarinos brasileiros que ainda se acham em construção nos estaleiros da casa *Fiat* em Spezia. Ente aquelas se encontram uma da firma construtora que se abria a fazer outras daquelas unidades de guerra, com maior deslocamento, apenas com um pequeno acréscimo no preço. O almirante Alexandrino só resolverá o assunto depois da conferência que vai ter com o Marechal Hermes da Fonseca (*DIÁRIO DO PIAUHY*, 1914, p. 1).

Diante disso, vemos que já havia uma movimentação da Marinha Brasileira para tentar reforçar sua esquadra. No entanto, parece que por conta de uma crise

financeira que passava o Brasil, o mesmo recebeu propostas de compra das embarcações com a intenção de futuramente, poder mandar fazer outras embarcações com poder bélico maior e de melhor deslocamento. No decorrer do jornal, não dá pra perceber de que maneira foi resolvida a questão. No entanto, vemos através de outras edições, a confirmação de que realmente foi por conta da crise que sofria o país, no primeiro ano de Guerra, o que impossibilitou a melhoria do seu poderio bélico. O *telegrama* intitulado “Rio” na edição 225, traz uma mensagem em nome do presidente da república Wensseslau Braz, do dr. Urbano Santos e ao presidente e vice presidente do Estado do Rio de Janeiro, dr. Delfin Moreira e dr. Levindo Lopez, que dizia: “Faz um apelo para que nesse momento angustioso por que passa o país, todos os brasileiros unam-se em torno em torno dos poderes federais e locais para realização da grande obra de reconstitui-mento econômico e financeiro da União e dos Estados” (DIÁRIO DO PIAUHY, 1914, P. 1).

Enquanto isso, no desenrolar da guerra, a mesma edição traz detalhes do recrutamento de exércitos europeus, como o Russo. A informação era a seguinte “alistou-se como voluntário o do exército do seu país, a fim de seguir para guerra, o escritor russo Máximo Gorki. É esperada a todo o momento a declaração de guerra entre a Rússia e a Turquia e entre a România e a Áustria” (DIÁRIO DO PIAUHY, 1914, p. 2). Esse fato serve para que possamos compreender a diferença entre as posições tomadas pelo exército brasileiro e o russo, enquanto, os primeiros juntamente com seus representantes, estavam preocupados com a economia nacional, o segundo já procurava aumentar o seu exército, onde a população se sentia no dever de lutarem pela nação, quando até um dos maiores escritores russos da época, se dispôs a participar do processo. Além disso, outro escritor fez o mesmo pedido, agora por parte da França para servir ao exército, dessa vez na edição 230, quando noticiava: “Paris”; “O primoroso escritor Francez Anatole France, pediu para alistar-se nas fileiras dos combatentes” (DIÁRIO DO PIAUHY, 1914, p. 2).

Podemos verificar o tamanho da preocupação com a crise e também como o início da guerra estava tomando os holofotes, a edição 269 do mesmo jornal, faz uma reflexão sobre alguns fatos a partir da pergunta aos leitores: “Na sua opinião, que repercussão tem a guerra europeia, principalmente no Brasil? A guerra europeia tem tido na agravação da crise de todas as nações do atlântico, uma influência determinante

e colossal”²⁷. É importante ressaltar, que a maioria dos jornais durante o primeiro ano de guerra, aborda temas relacionados ao comportamento financeiro das nações distantes do conflito, como também a forma com que as mesmas estavam reagindo ao momento de turbulência, não realçando o recrutamento brasileiro, pois o mesmo ainda mantinha posição neutra diante da guerra, sendo abordado nos jornais o recrutamento de outros países.

Depois do ataque de navios alemães a embarcações brasileiras, e da forte crise econômica que sofria o país, na qual tinha sua frota mercantil fragilizada por conta do bloqueio, às revoltas em torno de uma tomada de postura firme por parte do governo brasileiro se acentuam. Tais fatores influenciaram a entrada na guerra, com a ajuda da pressão popular, apesar de que o Brasil não enviou pessoas para lutar diretamente na linha de frente dos *Fronts*.

Alguns médicos foram enviados para cuidar dos feridos dos países que eram aliados do Brasil, e soldados para missões navais com o intuito de auxiliarem os ingleses no Atlântico e na patrulha da costa africana, um local de grande disputa, conhecido como “trecho minado”. O exército brasileiro juntamente com o britânico, teve uma perda significativa de soldados, porém, o motivo não foi a Guerra, mas um surto de gripe espanhola que assolava a região. O jornal *Alto Longá* trouxe uma notícia antes desses acontecimentos edição de nº 3 de 1917, ressaltando o início de uma mudança de postura dos representantes da nação, e essencialmente, depois dos torpedeamentos. Na qual ressalta:

[...] É conhecida de toda nação a atitude que o governo assumiu quando a Alemanha comunicou a todos os povos neutros o estabelecimento de um bloqueio, por submarinos, da costa ocidental da Europa e de parte da meridional, restringindo assim a liberdade dos mares e estabelecendo indistintamente ao mundo estranho ao conflito os mais violentos processos da guerra [...] (ALTO LONGÁ, 1917, p. 4).

Essa passagem é para que entendamos como foram dadas as últimas notícias sobre a situação brasileira diante dos ataques aos navios da frota nacional, que ocasionaram no rompimento dos laços com a Alemanha e a sua entrada no conflito, pois, as autoridades competentes ainda realizaram uma apuração dos acontecimentos, antes de comprovar a culpa alemã diante das ações e depois tomar uma posição perante a guerra. As pressões populares, como ditas anteriormente, foram decisivas para tal,

²⁷ Jornal diário do Piauí, edição 269 do ano de 1914.

pois à medida que o conflito se intensificava, a população local criava mais expectativas e curiosidade de como estava ocorrendo à participação brasileira na guerra, e como estava o cenário do conflito no mundo europeu.

Entretanto, como foi mencionado anteriormente, a participação brasileira foi marcada por um forte surto de gripe espanhola, na qual matou dezenas de pessoas da frota. Um ano depois do fim da guerra, houve vários casos da doença do Brasil, e também no Piauí. Essa foi uma das heranças da guerra, além de alguns Estados terem tido uma crise econômica, não essencialmente por conta da guerra, mas boa parte dela provocada pelos impedimentos das exportações de café no período do conflito, que era o principal produto da época, além da comercialização do gado. Um desses relatos pôde ser visto no Piauí, através das mensagens mandadas do governo local para a Assembleia Geral, onde em 1919, é enviada para a União uma mensagem falando da situação do Estado, um dos trechos destaca:

[...] Os prejuízos sofridos criação de gado são também muitos sensíveis. Essas circunstâncias, juntas ao elevado preço a que atingiram todos os gêneros de primeira necessidade e mercadorias de uso comum, e a epidemia de gripe espanhola, que afetou todos os municípios do Estado, trazem a população em grande sobressalto e enche a todos de desesperanças” [...].²⁸

Podemos compreender como se deu o envolvimento do conflito nos periódicos piauienses, e a forma que eram noticiadas as seleções dos novos recrutados envolvidos na guerra, como também a participação dos brasileiros, anos antes do conflito. A importância que cada nação dava ao seu país, o orgulho alimentado pela vontade de lutar pela nação são presenças marcantes diante de algumas passagens mostradas nos jornais. Apesar de o Brasil ter tido uma participação, de certa forma, discreta, houve um grande impacto na população piauiense à medida que a crise, a seca, o surto de gripe espanhola que afetou a maioria dos municípios e assolaram o Estado modificaram o cotidiano da população, além da curiosidade em torno do conflito na Europa, como um fator determinante para chamar a atenção da imprensa local e causar um impacto nas estruturas sociais do Estado, ocasionando em um dos períodos de maiores mudanças no Piauí.

²⁸ Mensagens do Governo do Piauí para a Assembleia (PI). 1919, p. 4.

CAPITULO 3

AS NOTÍCIAS SOBRE SAÚDE PÚBLICA NO PIAUÍ DURANTE A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL.

3.1 A discussão epidemiológica no jornalismo piauiense em meio à guerra.

Neste capítulo pretendo analisar a respeito da mobilização pública diante da saúde piauiense, como eram tratadas algumas epidemias nos jornais locais, bem como as principais doenças que assolavam as nações envolvidas na guerra. No período da primeira Guerra Mundial (1914-1918), vários jornais trouxeram notícias referentes à saúde pública, bem como epidemias que emergiam na sociedade, sejam elas de caráter local ou mundial. Na medida em que informavam e alertavam a população sobre doenças e epidemias, também traziam notícias advindas do conflito deflagrado na Europa. O jornal *Diário do Piauí*, na edição 296 do ano de 1914 trouxe a seguinte notícia advinda de telegramas da Europa, especificamente da cidade de Viena capital da Áustria, com o título “Exterior”, na qual dizia: “Desmentem oficialmente a notícia da doença do imperador Francisco José” (DIÁRIO DO PIAUHY, 1914, p. 1).

Através dessa rápida notícia, percebemos que a preocupação diante da “suposta” doença do imperador da Áustria vai além do continente Europeu, ultrapassando suas fronteiras, à medida que a doença de um representante de Estado poderia causar repercussões e preocupações não só em sua nação, mas em outras partes do mundo. Nessa mesma edição o jornal traz a notícia de telegramas vinda de Londres na Inglaterra, anunciando um ataque a navios alemães:

O almirantado anuncia que no dia 25 uma esquadra de couraçados levando aeroplanos e hidroplanos, atacou os navios alemães abrigados no porto de Copenhague, fazendo vários disparos e lançando bombas, cujos efeitos é impossível verificar, devido ao forte nevoeiro. [...] Aeroplanos e submarinos alemães saíram em defesa, sendo os resultados insignificantes (DIÁRIO DO PIAUHY, 1914, p. 1).

Através dessa citação, podemos compreender as primeiras movimentações da guerra, na qual uma notícia vinda da Inglaterra traz o ataque a navios alemães, provocados por aeroplanos. Essa é uma primeira evidência de animosidade das relações entre as duas nações, evidenciando uma movimentação tanto naval como aérea.

Nessa mesma edição do ano de 1914, temos uma notícia voltada para a sociedade médica, onde procura informar sobre a reunião para escolha do diretor da sociedade médica piauiense. A mesma diz:

Sociedade medica – reuniram-se, ontem, no consultório médico do dr. Vaz da Silveira, os membros dessa humanitária sociedade para tratar das eleições de sua diretoria. Estiveram presentes á reunião os srs. Drs. Pedro Teixeira, Bonifácio Carvalho, Sotero Vaz, Heitor Pinto, Raimundo Teixeira e Benjamim Baptista. Aberta a seção, procedeu-se á votação da nova diretoria, cujo resultado foi à reeleição da mesma. (DIÁRIO DO PIAUHY, 1914, p. 1).

É importante ressaltar, a preocupação da sociedade médica em relação a escolha dos seus representantes, sendo evidente que os mesmos se organizavam e planejavam ações do órgão, na qual a reunião para escolha da diretoria contou com a presença de vários interessados. À medida que notícias como estas eram publicadas nos periódicos, quase sempre elas eram acompanhadas por abordagens que tratavam sobre doenças e epidemias na sociedade, onde algumas edições utilizavam-se dessas notícias não apenas como um informativo, mas também na intenção de alertar a população para a prevenção e cuidados com a saúde individual e coletiva.

Na edição 211 do mesmo jornal, as preocupações a respeito de algumas doenças ficam evidentes na medida em que trazem uma reportagem que trata sobre o crescimento considerável de doenças diante da população local. A matéria que vem com o título “apêndice” traz no seu subtítulo a expressão “dos jornais”, na qual nos possibilita entender que a mesma informação foi divulgada em diversos periódicos. Logo no início da reportagem é ressaltada que a doença em questão naquela época, era uma anomalia considerada moderna, pois, a cerca de 24 anos antes da notícia, os médicos e os doentes não conheciam a sua existência, e que, nessa data, os médicos passavam a entender os seus mistérios²⁹. A respeito das características da patologia, o decorrer das informações vai trazer:

Os indivíduos em que a apêndice se revela, tem em geral, de 10 a 20 anos. As numerosas decepções (pois há casos observados em todas as idades) não destroem a regra. [...] No juízo do dr. Dastre, o qual em artigo da “Revue des Deux Mondes”, estuda o assunto, o que, principalmente, motiva essa doença, é a nutrição muito abundante composta de alimentos indigestos e excessivamente abudados; e isso explica porque o apêndice é tão frequente na Inglaterra, nos Estados Unidos e Alemanha (DIÁRIO DO PIAUHY, 1914, p.1).

²⁹ Jornal Diário do Piauí, ed. 211. 1914, p. 1.

Através da citação, podemos perceber que a faixa etária de idade em que a doença é mais comum de se manifestar é de 10 a 20 anos, porém, não é uma unanimidade nos casos, onde a mesma pode se revelar em indivíduos de qualquer idade, basta à alimentação estar associada aos excessos, que tal descontrole possibilitaria o aparecimento da doença, ou ao risco de adquiri-la. Visto que foi feito um estudo voltado para a compreensão da enfermidade, foi concluído que a mesma era causada principalmente por uma má alimentação, em consonância com o excesso de adubo nos alimentos ingeridos. Entretanto, podemos notar que a doença não é originária do Brasil, estando presente também nos países ditos desenvolvidos e que futuramente iriam se envolver na guerra, Inglaterra, Estados Unidos e Alemanha.

No decorrer da reportagem, é enaltecido que “trata-se de uma infecção que se manifesta no apêndice ileocecal, situado no ponto de ligação do intestino fino com o grosso” (Diário do Piauí, p. 1). É importante ressaltar, como a medicina piauiense já começava a demonstrar um vasto conhecimento a respeito do problema, já que em alguns anos houve uma evolução considerável da medicina local em consonância com os estudos desenvolvidos pelo dr. Dastre, que fez publicações em artigos.

Buscando compreender o momento em que as políticas públicas na área da saúde se disseminaram pelo interior do Brasil, vemos a abordagem feita pelo autor Luiz Antônio de Castro Santos no capítulo VI de sua obra, onde afirma no texto que tem como título “O pensamento sanitaria na primeira república: uma ideologia de construção da nacionalidade”³⁰ a respeito do que ele chama de “descoberta dos sertões”, no sentido da abertura de um novo horizonte para atuação das políticas sanitárias no interior do Brasil. Entretanto, o mesmo faz uma reflexão até o início do século XX, precisamente até o ano de 1915, momento em que as políticas públicas na área da saúde se limitavam a capitais e aos grandes centros urbanos, sendo assim, o interior do Brasil e principalmente o “sertão” ficavam de certa maneira, esquecidos.

O autor analisará como que foi feito o movimento nacional em favor das reformas sanitárias nessas áreas esquecidas pelo interior do Brasil, à medida que, segundo Santos (2003, p. 210-211) “a luta pelo saneamento ganha uma forma simbólica tão grande a ponto de conquistar as primeiras páginas dos periódicos nas grandes capitais”. Isso pode ser percebido também no Piauí, quando alguns periódicos trouxeram questões a respeito de epidemias que se mostravam frequentes e se

³⁰ SANTOS, Luiz Antônio de Castro. “O pensamento social nacional: pequenos estudos/Luiz Antônio de Castro Santos”. – Campinas: Edicampi, 2003. 360 pp.

propagavam na população local, tornando-se mais frequente logo depois da Primeira Guerra Mundial, pois as produções literárias passaram a ter características nacionalistas, já que os intelectuais brasileiros da primeira metade do século XX passaram a se preocupar em construir identidade nacional que abarcasse todo o território nacional.

Existiam duas correntes, uma liderada pelos intelectuais que se preocupavam em construir um Brasil “moderno” e a outra com intenções de resgatar as “raízes” da nacionalidade, se voltando essencialmente ao interior do país no sentido de integrar o sertanejo no projeto de construção dessa identidade nacional. Assim, analisando esses discursos que se propagavam e geravam debates entre intelectuais e a população da época, uma das ideologias mais defendidas foram a de branqueamento da população, na qual, a maneira proposta por essa corrente, era a de abrir as portas do país para a imigração europeia, para que fossem apagados os traços da escravidão e os efeitos da miscigenação.

Nesse sentido, a abertura do país para a chegada de povos Europeus, trouxe outros resultados para além do suposto “branqueamento” da população, pois houve a imigração de doenças e epidemias que não eram frequentes no território. Isso é evidente quando Santos diz:

O alto numero de trabalhadores europeus chegados ao Brasil depois de 1904 e até o início da primeira guerra resultou no enorme impulso dado pelo governo central à política imigratória. Aqui se dá o nexo imigratório a questão sanitária: o terror inspirado pela ameaça da febre amarela nos principais portos brasileiros reduziu drasticamente o número de imigrantes. Entre 1890 e 1899, perto de 120 mil imigrantes chegavam ao Brasil por ano. Entre 1900 e 1904, as entradas anuais baixaram pra 50 mil. (SANTOS, 2003, p. 212).

Através dessa passagem, podemos compreender a maneira em que diversos trabalhadores europeus chegaram até o Brasil, pois o governo facilitou a política imigratória, como dita anteriormente, com a intenção de branquear a população e com a ideologia de que, se deixassem o país mais europeizado poderiam aproximar/transparecer as características de um país em modernização. Entretanto, essa política imigratória também resultou na chegada de algumas doenças como a “febre amarela” e a “gripe espanhola” no país, provocando um alerta por parte das autoridades nacionais diante do fato, relacionado ao problema sanitário que esse fluxo imigratório ocasionou. Por conta da ideologia de que essas doenças estariam chegando ao Brasil através dos imigrantes, a política imigratória influenciou nesses números, onde os mesmos declinaram desde o início de suas chegadas, nos primeiros anos de república, até a primeira década do século XX.

No Piauí, os jornais irão noticiar alguns alertas de epidemias que assolavam todo o território nacional, sendo as mesmas divulgadas em periódicos de todas as partes do país como um alerta a todos os estados da nação. O jornal *Diário do Piauí* trouxe na edição 114 de 1914 uma matéria que abordava as causas e efeitos da tuberculose, na qual considerava a mesma como uma “peste” na época. A matéria faz referência a um público específico “às mães”, deixando entender que essa doença crônica afetava principalmente crianças recém-nascidas, sendo ressaltado ainda que a doença era causada por micro-organismos que atacavam o sistema pulmonar e provocavam complicações na respiração, podendo se propagar facilmente pelo ar. A matéria que tem o título “conselho às mães: tuberculose”, e como subtítulo “Nações Gerais”, como uma espécie de alerta a todos os Estados da nação, assim nos diz:

Debaixo desse nome compreendem-se: a tuberculose pulmonar, a intestinal, a óssea, a cutânea (da pele), etc. ocuparei-me apenas da primeira. [...] A tuberculose pulmonar, a grande “ceifeira” ou a “peste atual”, como alguns que chamam, é uma doença crônica que, quero dizer, que percorre (em regra) lentamente os seus períodos, microbianas, isto é, produzida por micróbios (nome genérico de todos os seres que só podem ser vistos com o auxílio do microscópio) ou micro-organismo chamado de bacilo de Kock, é contagiosa, suscetível de se transmitir de individuo para individuo direta e indiretamente (DIÁRIO DO PIAUHY, 1914, p. 2).

É interessante notar, que a reportagem traz diversos tipos de tuberculose, desde a pulmonar até a óssea. Porém, a mesma deixa claro que só irá tratar da pulmonar, pelo fato da mesma estar provocando repercussão na sociedade, onde a população da época a associa como a maior “peste” naquele momento, visto que a doença atingia diversos setores da sociedade, tanto crianças como adultos. Interessante ainda perceber o alerta contido na passagem, quando é ressaltado que a doença é contagiosa, com a característica de transmissão de individuo para individuo, seja através de contato direto ou indireto, e por isso de fácil propagação.

A matéria ainda continua argumentando que como a tuberculose é a doença crônica mais frequente de todas aquelas que são microbianas, também é a mais virulenta, no sentido de se propagar facilmente entre a população, e é vista como à que tem mais aptidão para se desenvolver em outro individuo. É interessante observar a maneira em que é demonstrada a doença, onde a mesma é colocada na matéria como uma “peste” que expelle “toxinas ou venenos”, sendo apontada como a doença mais traiçoeira dentre àquelas contagiosas, justamente pelo fato de se alastrar facilmente pelo ar. A

maneira em que a doença se espalha é explicada, de modo em que, ela é expelida com a “expectoração” (tosse) do indivíduo portador da anomalia, onde se propaga pela atmosfera em forma de poeira e penetra no aparelho respiratório dos indivíduos receptores, onde se alojam e começam a se manifestar de maneira ainda mais intensa.

É possível perceber, que a reportagem foi feita por um médico, que por sinal, é especialista na área, porém, o indivíduo que escreveu a matéria falou em nome de toda a comunidade médica. Vale ressaltar, a forma em que ele coloca os médicos como uma categoria muito vulnerável para adquirir a doença, quando a notícia diz: “Além disso, os indivíduos tuberculosos, no período da doença a que nós, os médicos, chamamos de “tuberculose aberta” estão constantemente a por em perigo a saúde de quem os cerca”³¹. Diante dessa informação, podemos ver também a preocupação da comunidade médica diante daqueles que trabalham em busca da cura dos indivíduos contaminados, que vai além dos médicos, abrangendo enfermeiros e outros funcionários que compõem a saúde pública.

Em meio ao período da primeira guerra mundial, também era lembrado o perigo de contaminação através da conversa entre indivíduos, à medida que “o chamado perdigoto, essa partícula da saliva que com a fala tantas vezes se escapa da boca, é um perigoso veículo de bacilo de Kock; o mesmo posso dizer dessas outras pequenas gotas de saliva, que com o espirro, são projetadas com força” (DIÁRIO DO PIAUHY, p. 1). Vemos que há uma preocupação com outras formas de contaminação através do ar, seja pela saliva expelida pela fala ou por um espirro que contamine o ambiente em que contém outras pessoas além do portador. Essas eram maneiras indiretas de contaminação colocadas no jornal, porém, eram retratadas como não menos importantes do que outras precauções contra a contaminação. Entretanto, é argumentado ainda que a contaminação não se dava apenas dessa maneira, pois havia preocupações com o contato direto a pertences do doente, como as suas roupas do corpo, a cama, os objetos que se serviu e com tudo aquilo que utilizou para evitar a disseminação da epidemia.

Entretanto, direcionando o olhar para a imunidade da população brasileira no período da primeira guerra mundial, é interessante ressaltar os argumentos discutidos pelo autor Santos em sua obra, quando ele analisa o contexto da saúde pública brasileira em relação à política de “branqueamento da população” e o suposto “racismo científico” que contagiava uma parte considerável da comunidade científica, pois, para esse grupo,

³¹ Jornal Diário do Piauí, edição 114 publicada no dia 22 de maio de 1914 na cidade de Teresina. p. 1.

essas teorias deveriam ser destinadas à população negra e mestiça do país, pois, partindo do médico Gouvea de Barros que também era deputado federal de Pernambuco e ex-diretor do serviço sanitário do Estado, em seu discurso feito na câmara dos deputados, afirma que “o Brasil tinha uma população fraca, sem resistência às doenças dos trópicos” (SANTOS, 2003, p. 214).

Diante desse relato feito pelo deputado, vemos a maneira “fragilizada” em que ele associava a população brasileira diante das chamadas “doenças dos trópicos” no período da primeira guerra mundial, em que as mesmas eram transmitidas por insetos tropicais, na qual algumas tiveram uma notoriedade maior pelo fato de estarem causando ou futuramente iriam causar epidemias em território brasileiro, como a febre amarela, malária e gripe espanhola. No entanto, à medida que foi dada uma sentença de fragilidade imunológica ao brasileiro, alguns cientistas também associavam isso a questão racial, pois, como percebeu Santos:

À herança africana atribuirá a maior parcela de culpa pela pouca resistência dos brasileiros, Artur Neiva, um dos cientistas mais renomados do Instituto Oswaldo Cruz, vez por outra pegava atributo à explicação racista, como a sugerir que a imigração de negros norte-americanos para o Brasil – projeto que chegou a ser debatido no Congresso em 1921 – iria pôr em risco o processo de branqueamento do país (SANTOS, 2003, p. 214-215).

É possível perceber através do trecho acima, a maneira em que alguns cientistas associavam os principais problemas do Brasil à questão racial, especificamente, a “herança africana”, que era presente diante da população. Podemos notar também, que um dos médicos mais conceituados do Instituto Oswaldo Cruz, órgão muito prestigiado na época, também fazia uso de teorias racistas, entretanto, ao repelir a imigração de negros norte-americanos para terras brasileiras podemos perceber a tentativa de hierarquização entre populações de lugares distantes dos ditos espaços civilizados, diante das discussões de “raça” e a suposta “fragilidade imunológica” que associaram ao povo brasileiro a degenerescência por conta da miscigenação decorrente da herança africana. Sendo assim, é notório que a preocupação maior de alguns grupos da saúde pública nacional, estavam mais voltados para o processo de branqueamento da população, do que em resolver as epidemias causadas em diferentes locais do território nacional.

Voltando a análise da edição 114 do Jornal *Diário do Piauí*, na abordagem feita sobre os perigos de contaminação pela tuberculose, vemos também que a

reportagem repassa ser esta uma doença curável, pois, o indivíduo tomando as precauções corretas e àquele que já foi contaminado, seguindo os procedimentos médicos adequados, era possível vencer a anomalia, pois, se baseando no que traz a matéria “a tuberculose é curável; e até embora esta minha asserção pareça hiperbólica, a mais curável de todas as doenças crônicas” (DIÁRIO DO PIAUHY, p. 1).

Apesar da facilidade de contaminação, pois “a tuberculose é evitável, direi mesmo, facilmente evitável” (DIÁRIO DO PIAUHY, p. 1) eram necessárias algumas precauções para evitá-la, como ressaltado anteriormente. Sendo assim, é usado como exemplo para comprovar essa afirmação, o argumento de que apesar de um filho de tuberculoso ter uma maior possibilidade de adquirir a doença, a mesma pode ser evitada com uma contradição a essa facilidade, usando a estratégia de um bom regime de vida, mais saudável e com ações que diminuam o seu risco de desenvolvimento da doença. Essa matéria que teve notoriedade na edição 114 do ano de 1914 do Jornal *Diário do Piauí* teve a assinatura de Ardísso Ferreira, apesar disso, o jornal não traz muitas informações sobre o mesmo, sendo possível perceber apenas, que o mesmo é um médico e fala em nome de toda comunidade médica, e que provavelmente, é especialista na área.

É interessante ressaltar que nessa mesma edição, na última página do jornal reservado para comércios e varejos, há uma propaganda de uma farmácia intitulada “S. Luiz” do município de Parnaíba Piauí. Na descrição da farmácia, é informado que a mesma é “um grande depósito de drogas e produtos químicos, laboratório dos conhecimentos preparados” (DIÁRIO DO PIAUHY, p. 4). É perceptível a intenção de chamar a atenção do leitor diante da propaganda, no sentido de influenciá-lo quando leva em suas definições “laboratório de conhecimentos preparados”, além disso, é evidente uma mercadologia na relação entre notícia da tuberculose e da farmácia, quando na segunda, vemos uma exibição de produtos com características apresentadas pelo portador da doença tuberculose ou outra doença crônica. A descrição diz: “Xarope de mussambê e mutamba composto para tosse e moléstias dos pulmões”, “xarope de angico, alcatrão e jantahy, contra tosse, desfluxos, etc”, “água inglesa, poderoso febrífugo e tônico” (DIÁRIO DO PIAUHY, p. 4).

Diante desse informativo mercantil, é interessante salientarmos a variedade de xaropes oferecidos pela farmácia, como uma estratégia de poder atender às diferentes anomalias crônicas que a pessoa possa apresentar. É possível perceber ainda, que, apesar da sede da farmácia estar localizada no município de Parnaíba, a mesma

propaganda informa no final que “vende-se na farmácia “humanitária” de Luiz Chaves, á Rua Ruy Barbosa. Teresina Piauhý” (DIÁRIO DO PIAUHY, p. 4). Diante de tais informações, é notória a versatilidade da indústria farmacêutica na intenção de poder alcançar clientes nos dois municípios, nos levando a compreender/entender uma relação de comércio existente entre alguns surtos epidemiológicos e a indústria farmacêutica, pois, encontrava nos surtos, uma oportunidade propícia para venda de seus produtos, questões maximizadas em períodos de conflito, a exemplo da primeira guerra mundial.

No entanto, é importante ressaltar que as epidemias tratadas no jornalismo piauiense, foram além do caráter estadual e nacional, chegando a abarcar algumas nações que lutavam na Guerra Europeia, mostrando assim, que a preocupação com a saúde pública e epidemias era presente também em outros lugares, tais como o continente europeu. Além disso, essas notícias nos demonstram que a guerra era um momento mais propício para a contaminação e proliferação dessas doenças, principalmente entre os soldados combatentes no conflito, diante do contato que mantinham nos campos de batalha, mesmo que o número de contaminados fosse pouco. Entretanto, podemos compreender isso melhor, quando o Jornal *Diário do Piauhý* trouxe na edição 265 do ano de 1914, a seguinte notícia advinda de Telegramas da Alemanha:

Em consequência das notícias espalhadas pela imprensa estrangeira sobre pretendidos casos de epidemias constatadas nos corpos do exército alemão, as autoridades mandaram publicar as estatísticas demográficas, cujas cifras demonstram á evidência que o número de doenças suspeitas ocorridas este ano, nos quartéis militares é relativamente insignificante. [...] Os casos infecciosos não ultrapassam ainda a media de 47 e 52 por 1.000, cifra que é muito inferior à dos anos anteriores, destacando-se pela excelência do seu estado sanitário principalmente os corpos indicados pelos jornais estrangeiros como mais atacados pelas epidemias (DIÁRIO DO PIAUHY, 1914, p. 2).

Através da citação acima, percebemos que a notícia referente a epidemias que acometiam no exército alemão, foi publicada em diversos veículos de notícias estrangeiras, o que provocou uma reação por parte das autoridades alemãs na tentativa de desmentir/amenizar essas informações, sendo necessário a publicações de informações com estatísticas demográficas sobre a integridade física dos combatentes. Com isso, foi demonstrado que, o número de supostas doenças nos quartéis militares era relativamente insignificante ao ano anterior, pois, através dos números trazidos pela

notícia, cerca de 47 a 52 pessoas eram contaminadas por alguma doença entre um total de 1.000 presentes na corporação.

Entretanto, podemos perceber através do informativo, a necessidade por parte dos alemães em procurar conter os rumores referentes às notícias de doenças e também, repassar a imagem de uma nação que se destacava pela excelência de seu sistema sanitário e principalmente a imunidade de suas corporações militares que foram retratados nos jornais, na qual se sobressaiam dos demais. Diante disso, essa formação por parte das autoridades alemãs, deixa-nos a entender que a notícia foi formulada/manipulada, tanto pelo intuito de amenizar essas especulações como também com a intenção de repassar a imagem de uma nação que tinha o seu sistema sanitário desenvolvido, e àqueles setores que estavam diretamente envolvidos no conflito, se sobressaiam dos demais, contrariando as informações publicadas pela imprensa estrangeira.

3.2 O retrato da saúde pública nos relatórios governamentais piauienses

No que diz respeito às epidemias e saúde pública retratadas nos meios comunicacionais piauienses, podemos ressaltar a importância dos relatórios governamentais publicados pelos governadores de Estado na qual abordavam diversos fatos ocorridos na sociedade. Essas mensagens governamentais eram apresentadas a câmara legislativa, e as mesmas mostravam-se de extrema importância, pois possibilitava o governante a publicitar as suas ações e os principais problemas do estado e também manter uma boa relação com a Câmara Legislativa, no intuito de procurar melhorias para os problemas encontrados na sociedade, relatando acontecimentos relevantes.

Essas mensagens eram escritas pelo governador e apresentadas àqueles que eram considerados os representantes do povo, os deputados estaduais que ocupavam cadeiras na câmara legislativa do Piauí. No entanto, nessas mensagens, eram abordados diversos temas, tais como: eleições, instruções públicas, obras públicas, saúde pública e outros assuntos que envolviam a sociedade. A saúde pública foi um tema muito corriqueiro nos relatórios, se mostrando presente em várias das relações entre governador e câmara legislativa, e, principalmente, por epidemias que se dissipavam pelo território piauiense, seja no interior ou na capital. No dia 1 de julho de 1915 o Governador do Estado Sr. Miguel de Paiva Rosa apresentou à câmara legislativa

mensagens com diversos assuntos, como citados anteriormente. Um desses assuntos foi à saúde pública, sendo retratada a preocupação com epidemias presentes em alguns municípios:

Como tem sucedido desde alguns anos, a varíola, o sarampo e as febres invadiram alguns municípios do Estado, na versão do ano próximo findo. Em muitos deles a mortalidade cresceu de modo assustador, sendo que nesta capital foi o sarampo o responsável pelo maior número de vítimas, máxime crianças (MENSAGEM GOVERNAMENTAL, 1915, p. 9).

Através do relato, podemos ver que algumas doenças transmissivas estavam se expandindo pelos municípios do Piauí, dentre as principais: o sarampo, varíola e algumas febres como a amarela, na qual os números de casos obtiveram crescimento no final do ano de 1915. Conseqüentemente ao aumento do número de casos, houve também, o crescimento da mortalidade infantil em municípios do Estado, pois, segundo a mensagem, apesar da doença ter atingido grande parte das populações, as mais atingidas foram às crianças, provavelmente por conta da imunidade baixa, na qual o sarampo foi o maior responsável pela maioria das vítimas dessas doenças, sobretudo nas cidades do interior.

Voltando a análise da conjuntura social em que vivia a o Brasil na época, na qual o debate sobre as ideias de raças estavam fortes no cenário político e ideológico, os intelectuais se dividiam quando debatiam problemas sociais como saneamento e a questão de inferioridade racial, pois quase sempre associavam o surto de doenças no país à questão racial, pelo fato de ser um país miscigenado, a imunidade do seu povo era baixa, principalmente daqueles considerados de “cor”. Diante do contexto, Santos (2003, p. 218) ao trabalhar com escritos de Monteiro Lobato diz que: “o problema brasileiro não estava na raça, mas nas doenças endêmicas”. Percebemos então que diferente de outros intelectuais, na qual associava a contaminação dos povos brasileiros, principalmente do sertão, a questão racial, Monteiro Lobato via que o problema não era a raça e sim as doenças endêmicas em conjunto com a questão sanitária, considerada precárias no sertão e interior do país.

Deste modo, podemos compreender melhor o porquê da maior parte dos surtos das doenças endêmicas como o sarampo, estarem mais presentes em cidades do interior do país, onde, diferentemente da capital, a questão do saneamento sanitário era precária. Se adentrando um pouco mais ao pensamento de Monteiro Lobato, podemos dizer que o mesmo via a questão do saneamento como crucial para a saúde da população brasileira,

na qual defendeu e divulgou suas ideias em vários artigos e publicações que o mesmo produziu. Sendo assim, é notória a importância do saneamento para Lobato, quando Santos vai trazer um trecho de seu pensamento em sua obra, que diz:

“Sanear é a grande questão. Não há problema nacional que se não entrose nesse.” É a melhor frase de Lobato, que a um tempo combate o “determinismo étnico”, assume um lugar na linha de frente da crítica social de seu tempo, e elege o saneamento rural como a questão nacional por excelência (SANTOS, 2003, p. 219).

Podemos observar como o Monteiro Lobato coloca o saneamento como a questão principal do país, nos possibilitando compreender a forma em que o mesmo associava a maioria dos problemas endêmicos a essa questão. Seguindo essa linha de pensamento, se não houvesse uma sanitização no interior do país, bem como no sertão e locais atingidos por doenças, as mesmas não iriam desaparecer. É interessante ressaltar o papel que ele assume ao se colocar como o principal defensor dessa questão, e um dos principais críticos à teoria do “determinismo étnico”, que considera os sujeitos miscigenados como indivíduos com a imunidade inferior àqueles com linhagens europeias, combatendo o pensamento arianista que estava se difundindo nas primeiras décadas da república.

Entretanto, em relação à questão do atraso sanitário nas regiões em que hoje conhecemos como nordeste e sudeste, e aquelas áreas banhadas pelo rio São Francisco, foram áreas de extrema importância geopolítica e cultural durante o século XVIII, por conta de seus vales terem sido ocupados por baianos e paulistas durante a segunda metade do século. Entretanto, apesar dessas ocupações terem sido importantes para a composição e dissipação da ocupação territorial do país e de sua unidade política, a região acabou, de certa forma, sendo esquecida, ocasionando o isolamento das populações que viviam nessa área e conseqüentemente um atraso do resto do país. Com isso, podemos compreender a falta de desenvolvimento de alguns municípios piauienses, em relação a capital e ao resto do país durante a segunda década do século XX.

Voltando a abordar as epidemias vigentes nesses municípios, como citado anteriormente, o relato feito pelo governador piauiense Miguel de Paiva Rosa ainda informou:

A varíola, que não chegou até Therezina, foi mais fácil de julgar porque, talvez pelo justo receio que inspira, as aconselhadas medidas higiênicas foram mais rigorosamente seguidas. As febres, devido ao

que se supõe, ao retardamento do inverno, ainda esse ano permaneciam no município de Barras, depois de haverem ceifado vidas preciosas no Alto-Longá, pra onde o governo mandou um médico, que chegou a tempo de prestar bons serviços. (MENSAGEM GOVERNAMENTAL, 1915, p. 9).

Através do fato podemos compreender que a varíola, doença que atingia alguns municípios do Estado, ainda não havia chegado à cidade de Teresina. No entanto, o motivo que possibilitou o afastamento da mesma da capital, foi às normas higiênicas que foram repassadas à população para segui-las, no intuito de afastar não só a varíola, mas outras doenças que se aproveitavam da falta de higienização e saneamento. Pelo contrário, as febres, seja a amarela ou outro tipo, já estavam provocando vítimas em cidades ao redor da capital como em Barras e Alto-Longá, com isso, pela quantidade de vítimas perdidas na cidade de Alto-Longá e a ameaça de ocorrer o mesmo em Barras, pelo fato de também terem casos na cidade, houve a necessidade de o governo enviar médicos para a primeira, com o intuito de amenizar a situação, e, parece que obtiveram bons resultados, mesmo que em partes, advindos dos bons serviços prestados pela equipe médica.

Interessante ainda ressaltar a consciência e suposta felicidade por parte do governador, ao dizer no final da sua análise sobre a varíola e as gripes: “felizmente, neste estante, a saúde pública não sofre alterações”³². É evidente, a alegria pelo melhoramento na quantidade de casos nessas cidades, e pelo fato de a capital Teresina ter driblado, mesmo que inicialmente, a chegada da doença. No decorrer da mensagem, será feito um reconhecimento aos profissionais da saúde, pela assistência dada nos Hospitais e Santa Casa de Teresina, que, apesar da pouca ajuda recebida dos poderes federal, estadual e municipal, conseguiam se sobressair na persistência de fazer o bem. São interessantes os dados trazidos da movimentação de pacientes no ano de 1915 na Santa casa de Teresina e no Asilo dos Alienados, que foram a seguinte:

No ano findo, foi esse o movimento da Santa casa de Theresina:
Baixaram as enfermarias: Doentes 449
Tiveram alta: Curados 401, Falecidos 17, Em tratamento 31
No Asylo de Alienados, o movimento foi este:
Internados 48
Tiveram alta: Curados 16, Falecidos 3, Em tratamento 29.³³

³² Relatório governamental do dia 1 de julho de 1915, encaminhado a câmara legislativa pelo governador Miguel de Paiva Rosa. p. 10.

³³ Relatório governamental do dia 1 de julho de 1915, encaminhado a câmara legislativa pelo governador Miguel de Paiva Rosa. p. 1-11.

Através desses dados, podemos perceber como estava a qualidade do tratamento e cuidados aos doentes na Santa Casa de Teresina e no Asilo dos Alienados, onde os números se mostraram satisfatórios, pois, como se pode observar, o número de pacientes que tiveram alta nas duas instituições foi bem superior àqueles falecidos e que continuaram em tratamento, mostrando certa eficácia no combate a essas doenças e enfermidades que atingiam a população piauiense. Apesar da quantidade de pacientes que continuaram em tratamento no Asilo dos Alienados, ainda se mostrarem superior a dos curados, não altera os números positivos, pois em termos gerais, os números demonstram a qualidade dos responsáveis pela saúde nessas instituições e a bom índice de cura das enfermidades no período da primeira guerra mundial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da discussão apresentada neste trabalho sobre a Primeira Guerra Mundial através de jornais piauienses, percebemos que os periódicos são objetos de grande importância para o historiador, pois, fontes históricas como estas são indispensáveis para a compreensão do contexto histórico de qualquer sociedade. Além disso, ressaltar a importância que os mesmos tiveram diante do primeiro maior conflito já travado na história mais recente, reafirma ainda mais a importância dos periódicos, pois além de servirem de meios informativos, tinham o poder de influenciar a composição ideológica de uma sociedade. O grande poder de manipulação que o mesmo possuía, vai despertar uma disputa ideológica onde os altos escalões e figuras que estavam por trás de suas produções vão querer a todo custo disseminar seus pretextos, como uma maneira de influenciar a população e cristalizar a informação de acordo com seus interesses.

A maneira como se constituiu a imprensa piauiense desde o primeiro jornal, que surgiu inicialmente apenas com interesses em divulgar literatura e informes da capital, vai se transformando ao longo do tempo como um objeto de poder político e econômico, podendo influenciar na sua composição e estruturas. Podemos concluir que houve uma guerra não apenas física entre nações de todo o mundo, mas também ideológica, pois, os confrontos travados diante dos periódicos piauienses que defendiam os interesses de uma das frentes da guerra, vão demonstrar também a importância da guerra ideológica, na intenção de ganhar o apoio da opinião pública, quesito muito importante em qualquer contexto de uma sociedade. Além disso, a mudança provocada no cenário mundial depois do início do conflito vai ser perceptível em vários setores da sociedade, e no Piauí não foi diferente, um deles foi o comércio, que passou a se usar da imagem da guerra para tentar manter o seu varejo ativo diante dos leitores, estratégias como anunciar produtos com o tema “Guerra” para chamar a atenção dos leitores, vai ser muito presente nos jornais, além do uso de imagens inspiradas nas convocações do exército estadunidense como uma espécie de chamada do consumidor para comprar o produto, já que os periódicos tornaram-se um mecanismo propício para o comércio.

Além disso, também possibilitou a chegada de tecnologias que desde então não existiam no Piauí, na qual uma delas foi o Telegrama, que, com início da Guerra, passou a ser um dos objetos de comunicação mais usados para obter notícias sobre o conflito, sendo muito utilizado no Estado para receber informações nacionais e internacionais, na

qual eram repassados para a população através dos periódicos, que tinham um setor específico só pra essas mensagens.

É importante perceber também a notoriedade que os periódicos e os relatórios governamentais deram à saúde pública durante o período de guerra, trazendo relatos de epidemias que aconteceram no Piauí e que se espalhavam por diversos locais do Estado. Interessante ainda a notoriedade dada a essas epidemias na qual a maioria eram causadas por doenças consideradas “tropicais”, pelo fato de algumas como a “gripe espanhola” ter chagado no território brasileiro através do contado com povos europeus, visto que, o Brasil enviou frotas com ajudas medicas para auxiliar as nações em que mantinha alianças, o que pode ter abrido portas para entrada dessas doenças no país.

A intenção em discutir e entender as relações ideológicas que os jornais mantinham e a maneira que divulgavam a guerra é primordial para a compreensão daqueles que vão ler as notícias publicadas sobre a guerra nesse período 1914 e 1918, pois, a maneira de divulgar o conflito carrega por trás da maioria das notícias uma manipulação que às cristalizavam de acordo com seus ideais e pretexto. Sendo assim, é importante salientar que sempre havia um interesse diante dessas notícias divulgadas em cada periódico, na qual, grande parte delas defendiam suas ideologias. Assim, causavam reações à medida que os periódicos tendiam a se posicionar contra ou a favor da guerra, estilos que podem ser perceptivos diante de cada noticiário publicados pelos diferentes jornais. Diante do exposto, compreendemos melhor o porquê de o mecanismo ainda ser muito utilizado nos dias de hoje pra propagar doutrinas e ideologias, mostrando a força que os mesmo têm desde muito tempo até os dias atuais.

REFERÊNCIAS

Araújo, Johny Santana de. **Bravos do Piauí! Orgulhai-vos... A propaganda nos jornais piauienses e a mobilização para a guerra do Paraguai** / Johny Santana de Araújo. – 2. Ed. – Teresina: EDUFPI, 2015. 413 P. : il.

AROUCA, Fernanda Bana. **Primeira Guerra Mundial: Propaganda, Imprensa e Cultura Visual**. Boletim Historiar, n. 17. out/dez. 2016.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CONTEÚDO ABERTO. In: **Wikipédia: Tio Sam**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tio_Sam>. 22 mai. 2018.

GINZBURG, Carlo. **A micro história e outros ensaios**. Tradução António Narino. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A, 1989.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX. 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ISNENGHI, Mário. **História da Primeira Guerra Mundial: século XX**. São Paulo: Ática, 1995. 158 P.

Jornal A Cruz, edição de número 1. Ano 1915.

Jornal Alto Longá, edição de nº 3, p. 3, ano 1917

Jornal Alto Longá, edição de nº 3, p. 4, ano 1917.

Jornal Alto Longá, edição nº 4, ano 1917

Jornal Alto Longá: Órgam literário e noticioso, edição nº 4 de Abril de 1917.

Jornal Alto Longá, edição de número 3. Ano 1917 **Jornal A Notícia**, edição de número 57. Ano 1918.

Jornal Chapada do Corisco, p. 3, ed nº 1 de 11 de maio de 1918.

Jornal Diário do Piauí, edição 17, 170, 267. Ano 1914

Jornal Diário do Piauí, edições 30, 87, 178, 225,230 e 269 do ano de 1914.

Jornal Diário do Piauí, edição 39, p. 1. 1911.

Jornal Diário do Piauí, edição 114 ano 1914.

Jornal Diário do Piauí, edição 211 ano 1914.

Jornal Diário do Piauí, edição 265 ano 1914.

Jornal Diário do Piauí, edição 269 p. 2. 1914.

Jornal Diário do Piauí, edição 296 ano 1914.

Jornal O Arrebol, edição nº 4, p. 2. Ano 1918.

Jornal O Arrebol, edição de nº 8, p4. de 1918.

Jornal O Aviso, edições de número 74,79. Ano 1817.

Jornal O Tempo, edição de número 4. Ano 1915.

LUCA, Tânia Regina de. **História dos, nos e por meio de periódicos**. In: PINKSY, Carla Bassanesi. Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008.

MAZINI, André. **A História da Imprensa no Contexto da Historiografia Brasileira**. Comunicação & Mercado/UNIGRAN - Dourados - MS, vol. 01, n. 02 – edição especial, p. 297-304, nov 2012.

<http://www.unigran.br/mercado/paginas/arquivos/edicoes/1N2/25.pdf>

MENSAGENS DO GOVERNO DO PIAUÍ para a Assembleia (PI). 1919.

PESSOA, Lucas. SOUSA, Thamyres. **A Primeira Guerra Mundial no Jornalismo Piauiense: Visões de um conflito**. Trabalho apresentado no GT História da Mídia Impressa integrante do 11º Encontro Nacional de História da Mídia, 04 e 05 de Julho 2017.

PEREIRA, Aline Andrade. **A imprensa durante a primeira guerra mundial e a organização da notícia: do título à manchete**. Pesquisa desenvolvida na Fundação

Casa de Rui Barbosa, com bolsa do Centro de Pesquisa do Setor de História, sob a supervisão de Joëlle Rouchou e Marcos Veneu. 2013.

PESSOA, Lucas. **A visibilidade da primeira guerra mundial no jornalismo piauiense**. Universidade Federal de Alagoas, 04 e 05 de out. 2006. P. 1-15, Ago. 2006.

PINHEIRO FILHO, Celso. **História da Imprensa do Piauí**. Teresina: Zodíaco, 3ª edição, 1997.

RÊGO, Ana Regina. **Imprensa piauiense: entre a literatura e a política**. Doutoranda em Comunicação UMESP UFPI/UMES. 2008.

Relatório governamental do dia 1 de julho de 1915, encaminhado a câmara legislativa pelo governador Miguel de Paiva Rosa.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia Científica: a construção do conhecimento** / Antonio Raimundo dos Santos. – 7. Ed. Revisada conforme NBR 14724:2005. – Rio de Janeiro: Lamparina, 2017.

SANTOS, Luiz Antônio de castro. **O pensamento social nacional: pequenos estudos/Luiz Antônio de Castro Santos**. – Campinas: Edicampi, 2003. 360 pp.

SILVA, Mauro Costa Da. A telegrafia eletrônica no Brasil Império – ciência e política na expansão da comunicação. **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 1, p. 49-65, jan | jun 2011. Disponível em: <http://www.sbh.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=21>. Acesso em: 19 mar. 2018.

SONDHAUS, Lawrence. **A Primeira Guerra Mundial. História Completa**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. São Paulo, Contexto, 2014. 555 páginas.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(x) Monografia
() Artigo

Eu, **Caio Leonardo da Silva Sousa**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação “ **A REPERCUSSÃO DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL ATRAVÉS DOS JORNAIS PIAUIENSES**” de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 28 de Fevereiro de 2020.

Caio Leonardo da Silva Sousa

Assinatura

Caio Leonardo da Silva Sousa

Assinatura